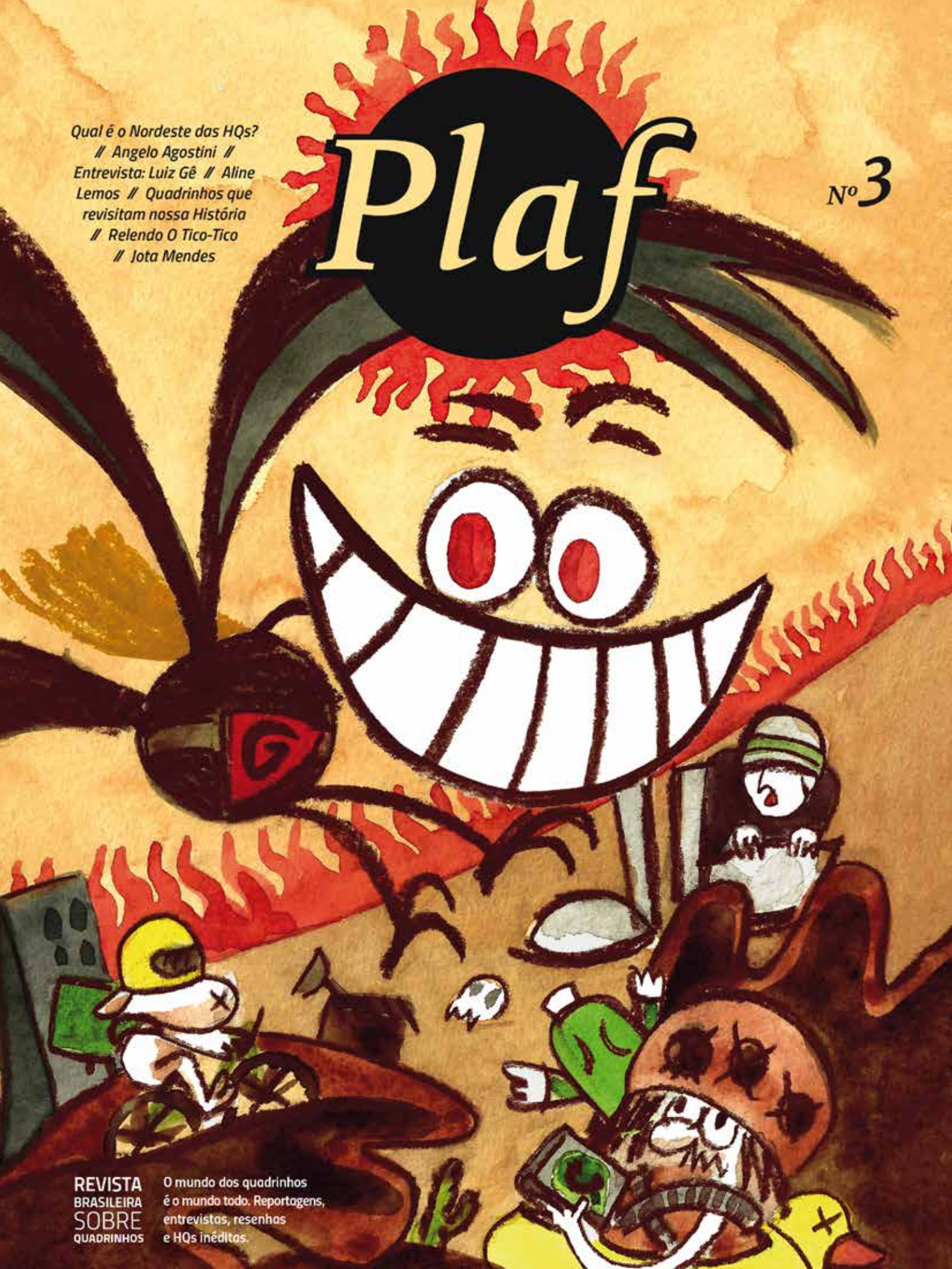


Qual é o Nordeste das HQs?
// Angelo Agostini //
Entrevista: Luiz Gê // Aline
Lemos // Quadrinhos que
revisitam nossa História
// Relendo O Tico-Tico
// Jota Mendes

Plaf

Nº 3



REVISTA
BRASILEIRA
SOBRE
QUADRINHOS

O mundo dos quadrinhos
é o mundo todo. Reportagens,
entrevistas, resenhas
e HQs inéditas.

História, essa estranha

A disciplina de História do Brasil tem sido uma estranha protagonista de muitos dos discursos ao redor do país. Estranha porque é muitas vezes a partir da ausência de qualquer conhecimento sobre ela, sobre seus marcos e símbolos fundadores, que ela se faz de fato presente no centro da cena.

É pela costumeira não-familiaridade com a nossa constituição enquanto estado-nação e com a própria Constituição por esse estado-nação formulada, que o cenário montado sobre o palco em que hoje vivemos tem sido um que arde na pele. E é por isso que decidimos tentar de alguma forma desvelar essa protagonista.

Estamos falando de uma edição inteiramente pensada para refletir, a partir dos quadrinhos e das artes gráficas brasileiras, sobre como aquilo que supostamente deixamos pra trás ainda nos forma e nos leva para caminhos, às vezes, irreversíveis. Foi com essa intenção que convidamos Breno Pessoa a ter uma conversa mais profunda com Luiz Gê, tão

somente um dos maiores cartunistas do país e, como tal, uma das figuras que melhor soube condensar a História com um olho na estrada e outro no retrovisor.

Foi querendo refletir sobre nosso passado que convidamos Marcelo Miranda a buscar pelos momentos em que os quadrinhos nacionais se preocuparam em dar conta de episódios históricos do país e de que forma isso aconteceu. Foi tentando colocar vírgulas em memórias antes pouco problematizadas que fizemos uma revisão crítica de como a mais popular revista brasileira ilustrada para crianças na primeira metade do século 20, *O Tico-Tico*, ajudou a sustentar os pilares patriarcais, racistas e misóginos pelas bandas de cá.

Foi tentando entender melhor o corpo de símbolos que nos cria que investigamos a construção de imaginário do Sertão que os quadrinhos brasileiros ajudaram a manter. Porque somos eternamente responsáveis por aquilo que decidimos esquecer e pelo que decidimos lembrar.

.....
Carol Almeida, Dandara Palankof e Paulo Floro

Equipe editorial

O Grito! Quadrinhos

revistaogrito.com/**quadrinhos**

Fotos: Divulgação



Thiago Modenesi é licenciado em História pela UFPE, mestre e doutor em Educação também pela UFPE. Autor do livro *Educação para Abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado* e organizador da coleção Quadrinhos e Educação (Independente). Para a Plaf, ele escreveu sobre a importância de Angelo Agostini para os quadrinhos brasileiros



Breno Pessoa, é jornalista pernambucano com passagens por veículos como Diário de Pernambuco. Neste número, ele entrevistou o quadrinista Luiz Gê sobre seu trabalho e também sobre o momento atual do Brasil.



Jota Mendes é quadrinista e ilustrador pernambucano. Seu trabalho mais recente é o zine Caramelo Quatro (independente). Nesta edição da Plaf, ele traz um trabalho experimental sobre os golpes da vida.

Foto: Carol Rossetti / Divulgação



Aline Lemos, é quadrinista, ilustradora e cartunista mineira. Mestre em História pela UFMG, publicou nove fanzines, entre eles *Melindrosa* e *Lado Bê* (ambos Independente), além do livro *Artistas Brasileiras* (Migulim). Nesta Plaf, Aline assina a capa com uma releitura da Graúna, clássico personagem de Henfil e traz ainda uma HQ sobre memória e quadrinhos.

Foto: Leila Fugli / Divulgação



Luiz Gê é cartunista e quadrinista paulista. Foi um dos fundadores da revista Balão (Circo Editorial), que revelou talentos como Angeli, Laerte Coutinho e Chico Caruso. É autor de *Avenida Paulista* e *Ah Como Era Boa a Ditadura* (ambos Companhia das Letras). Neste número, Gê fala de HQ e Brasil em uma entrevista e assina a charge em nossa última página.

Plaf

revistaplaf.com.br

A revista Plaf é uma iniciativa da Revista O Grito! e é editada no Recife (PE).

Número 3

Outubro / Novembro / Dezembro de 2019

Editores

Paulo Floro, Dandara Palankof e Carol Almeida

Produção editorial

Paulo Floro e Alexandre Figueirôa

Projeto gráfico

Enika Simona

Diagramação

Enika Simona e Igor Colares

Administração e contabilidade

Daiane Dultra

Revisão

Túlio Vasconcelos e Paulo Floro

A Plaf tem incentivo do Funcultura - Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura do Governo do Estado de Pernambuco.

COMPRA PLAF

loja.revistaplaf.com.br, com entrega em todo o Brasil

FALE COM A GENTE

Envie seus comentários, sugestões e críticas para nosso e-mail:

leitores@revistaplaf.com.br

Se quiser sugerir pautas, enviar releases, propor parcerias, distribuir nossa revista em seu ponto de venda ou qualquer outro assunto editorial envie e-mail para contato@revistaplaf.com.br

ANUNCIE / APOIE

A Plaf tem diversas possibilidades de anúncio, parcerias e ações para anunciantes. Você também pode nos fazer uma doação para que nosso projeto tenha vida longa e próspera. :) Fale conosco no contato@revistaplaf.com.br

OGrito!

revistaogrito.com

Editor-executivo

Alexandre Figueirôa

Editores

Paulo Floro e Fernando de Albuquerque

ENDEREÇO PARA**CORRESPONDÊNCIA**

Rua Doutor José Maria, 379. Caixa Postal 6275. Encruzilhada, Recife - PE CEP 52041-970

ISSN: 25270281

**BALBÚRDIA**

Falamos de quadrinhos na maciota

www.balburdia.wordpress.com

Também colaboraram nesta edição:

Carol Almeida é jornalista, doutoranda em Comunicação pela UFPE e uma das editoras da Plaf. É autora do blog foradequadro.com; **Paulo Floro** é jornalista, mestre em Comunicação pela UFPB e editor das revistas O Grito! e Plaf; **Marcelo Miranda** é jornalista e crítico de cinema mineiro com textos da Revista Cinética. É também autor de Saco de Ossos (@sacodeossos, Twitter), um podcast sobre ficção de horror; **Dandara Palankof** é jornalista, mestra em Comunicação pela UFPB e uma das editoras da Plaf.; **Alexandre Figueirôa** é doutor em Cinema pela Sorbonne-Paris IV e editor-executivo da Revista O Grito!.

Nesta Plaf

8 ENTREVISTA: LUIZ GÊ

Passado e presente sob a ótica do combativo quadrinista.

14 RELENDO O TICO-TICO

Uma leitura crítica dos valores presentes na revista que formou gerações.

17 ANGELO AGOSTINI, NOSSO PRIMEIRO QUADRINISTA

Um dos precursores da linguagem e a crítica social de suas obras.

21 AS HQS E O IMAGINÁRIO NORDESTINO

Quadrinhos sobre uma porção do Brasil envolta em mítica.

29 HISTÓRIAS SOBRE NOSSA HISTÓRIA

Registro, reflexão e a formação de nossa sociedade.



SEÇÕES

27 HQPÉDIA
Cartum político é coisa de mulher, sim; Ciça é prova disso.

36 RESENHAS
Entre outros, lemos *Straight Lines*, *Luzes de Niterói* e *Wilson*.

HQS INÉDITAS

39 Cofre do passado, por Aline Lemos
A memória e a construção de novos caminhos.

43 Murro, por Jota Mendes
Certos golpes nunca são esquecidos.

46 Cruzamento colonial, por Luiz Gê
Brasil acima de tudo?

O BRASIL diante do ESPELHO

Desde a ditadura militar, Luiz Gê fez dos quadrinhos e do humor gráfico sua arma por um país verdadeiramente democrático. Mas pouco aprendemos com a história e, enquanto sua obra pregressa continua mais atual do que nunca, seu trabalho recente encontra farta inspiração na conjuntura brasileira contemporânea

POR BRENO PESSOA

Para Luiz Gê, 68 anos, o passado do Brasil segue vívido no país mas, paradoxalmente, a memória sobre períodos anteriores da nossa história não está tão viva assim. Essa percepção do autor se mostra acertada quando resgatamos alguns de seus trabalhos de décadas atrás, como as centenas de charges produzidas para a Folha de São Paulo nos derradeiros anos da ditadura militar, entre 1981 e 1984, muitas delas surpreendentemente atuais. Parte desse material, reunido na antologia *Ah, como era boa a ditadura...*, lançada no fim de 2015 (pela Quadrinhos na Cia), mostra uma infeliz coincidência com o presente brasileiro, acredita o quadrinista: “Tem paralelos. Eu acho que, na verdade, a gente está vivendo uma ditadura”.



Tendo passado por publicações tão diversas quanto O Pasquim, Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde e Movimento, Luiz Geraldo Ferrari Martins, ou Luiz Gê, tem como um dos temas centrais de seu trabalho o próprio país e “desenhar a realidade do Brasil de uma forma instigante”. Arquiteto formado pela USP e pós-graduado no Royal College of Art, de Londres, o ilustrador e quadrinista se debruçou não apenas no noticiário político – que permeia também sua produção atual – como também voltou o olhar para o ambiente urbano, principalmente São Paulo, e para o comportamento de seus habitantes.

Além de investigar o Brasil em sua obra, Luiz Gê esteve ao lado de outros artistas em publicações que revolucionaram os quadrinhos no país. Primeiro, a *Balão* (1972-1975), publicação pioneira idealizada na USP, na época em que Gê cursava arquitetura e Laerte fazia jornalismo. Ao longo de nove números, a revista trouxe uma dose de experimentação gráfica, contracultura e temas mais adultos em suas páginas, por onde desfilaram, fora a dupla, nomes como os irmãos Paulo e Chico Caruso, Angeli, Xalberto e Maurício Moura.

Alguns anos depois da experiência no período da universidade, ele editou, ao lado de Toninho Mendes (1954-2017), a revista *Circo*, um dos títulos da Circo Editorial – empreendimento que, entre os anos 1984 e 1995, conseguiu o feito de levar para o grande público o humor crítico e subversivo de personagens como Piratas do Tietê (Laerte), Rê Bordosa, Skrotinhos, Wood & Stock (Angeli), Geraldão (Glauco) e Níquel Náusea (Fernando Gonzales).

Nas páginas das revistas da Circo Editorial, Luiz Gê abordou inquietações de um Brasil que retornava à democracia, misturou passado e presente em HQs como *Entradas e Bandeiras* (Chiclete com Banana nº 1), narrativa curta em que os bandeirantes do Monumento às Bandeiras, do escultor Victor Brecheret, ganham vida nas ruas de São Paulo, e *Invasões Holandesas* (Circo nº 4), espécie de releitura da ocupação estrangeira no Nordeste, ambientada no Sítio Histórico de Olinda e na praia de Pau Amarelo, em Paulista. Evocar personagens e fatos desse período da história do Brasil, por sinal, parte de uma crença de que pouca coisa mudou: “o país continua uma colônia”.



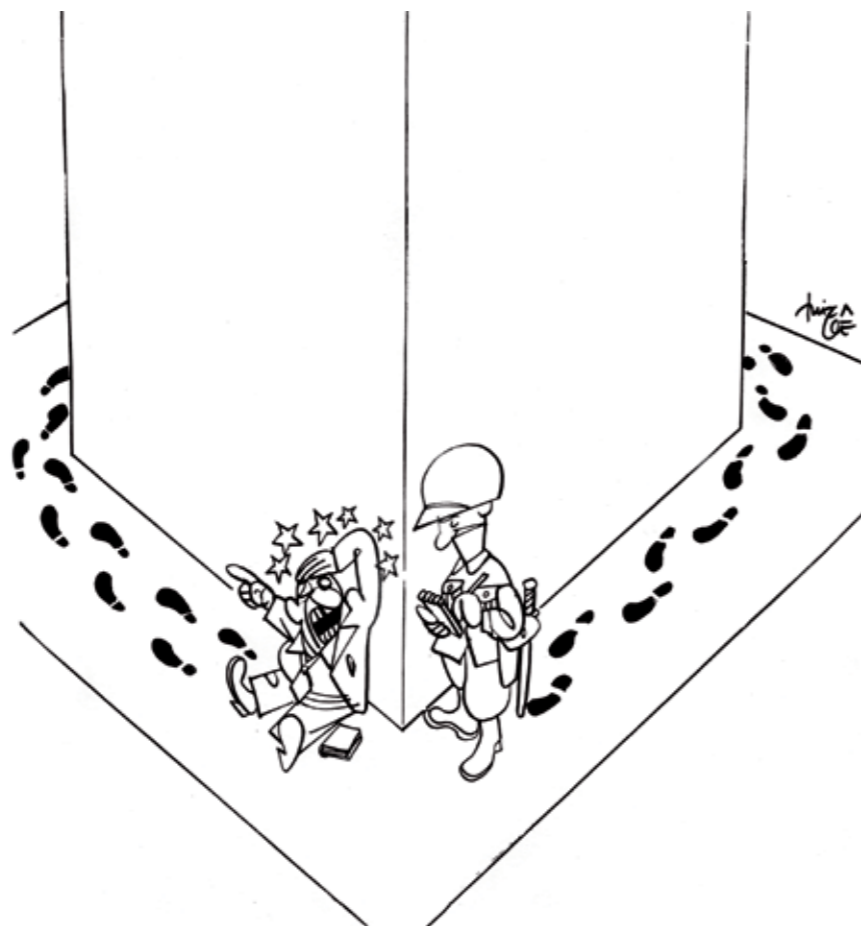
Plaf / O atual presidente demonstra apreço pela ditadura militar e tem atitudes incompatíveis com a de regimes democráticos. Tendo vivido e se debruçado, em sua obra, sobre a ditadura no Brasil, enxerga semelhanças entre o país nos anos de chumbo e o momento atual?

Tem paralelos. Eu acho que, na verdade, a gente está vivendo uma ditadura. Não é um momento plenamente democrático. Não estamos vivendo uma democracia como ela deveria ser. Existe um controle, uma série de medidas, muitas delas totalmente abusivas, inconstitucionais, que têm caracterizado o período que a gente tá vivendo. O que está acontecendo agora é uma perseguição da educação, da ciência, de tudo que é racional, científico e embasado. Tudo passa a ser colocado em dúvida por um obscurantismo absurdo. É um tipo de ditadura novo.

É um projeto de retirar direitos sociais, de política econômica sem distribuição de renda. É uma quase uma forma de retorno à colônia, às características coloniais, de diferenças sociais enormes, economia baseada na exportação da agricultura, de indústria quase inexistente.

Plaf / E quais seriam as diferenças entre esses dois regimes?

Há uma ditadura hipócrita, escondida, uma ditadura que não se revela. Uma das questões que essa ditadura impôs é a liberdade de imprensa, de não ter censura. Procuo fazer meu trabalho que tem relação com política, tendo essa força que eu não tinha na ditadura (militar). Estou falando com mais clareza do que na ditadura, quando tinha que pisar em ovos, manter certo controle. Mas me sinto muito mais isolado do que quando



vivíamos uma ditadura. A impressão é que [no passado] tinha mais artistas fazendo esse trabalho; existia *O Pasquim*, a imprensa alternativa. A gente ia conscientizando, ia vendo a sociedade evoluir. Ao passo que, hoje, essa divisão, essa visão fanática que existe na sociedade, que foi martelada na cabeça das pessoas, de que a esquerda é corrupta, dos petralhas, está muito encucada na cabeça das pessoas. É mais difícil alcançar e mobilizar as pessoas. Aliás, a própria esquerda está em crise. Na ditadura [militar] ainda existiam [muitas] indústrias, existia uma classe operária que havia ficado madura pra formar um partido, o contato com essa classe era mais fácil, o cara chegava na porta da fábrica e falava com cinco mil [pessoas]. E agora, sem indústria, a esquerda fala com o quê?

“TUDO PASSA A SER COLOCADO EM DÚVIDA POR UM OBSCURANTISMO ABSURDO. É UM TIPO DE DITADURA NOVO.”

Plaf / Nesse contexto de, até o momento, liberdade irrestrita, você considera mais fácil produzir atualmente do que no passado?

Era mais difícil, porque você podia ter ideias ótimas que eram censuradas e isso deixava a gente chateado. E você lutava diariamente na redação para ir aumentando a fronteira daquilo que poderia se falar. Mas hoje sinto dificuldades no momento em que estou tentando produzir e publicar um material de charges e a cultura está em crise. Há uma dificuldade enorme das editoras, que está relacionada às livrarias. O calote da Livraria Cultura (que junto com a rede Saraiva acumula dívidas na casa dos milhões) nas editoras, há pouco tempo, foi bastante devastador. As quantias que a Cultura devia impactaram principalmente editoras pequenas, algumas tiveram de fechar. Vejo mais dificuldade de publicar por conta desse estrangulamento da economia do que pela questão ideológica. Por outro lado, no caso das minhas publicações recentes na *Folha*, por exemplo, elas têm sido mais duras, mais verdadeiras. Cheguei a ficar com receio do tom, mas, até agora, eles [do jornal] têm publicado.

“(HOJE) É MAIS DIFÍCIL ALCANÇAR E MOBILIZAR AS PESSOAS.”

Plaf / A charge política mantém o prestígio na atualidade?

Ela não tem mais o lugar que teve na ditadura. Não existia nada disso, Facebook, internet, mas o que você fazia, quando publicava na *Folha*, todo mundo comentava. Havia uma participação (do público) bem grande, cheguei a ver gente com charge como cartaz em passeata. Sinto, hoje, o retorno mais frio.

Plaf / A possibilidade de publicar de forma independente na internet não contorna o problema de existirem menos veículos impressos e de os jornais terem tiragens cada vez menores?



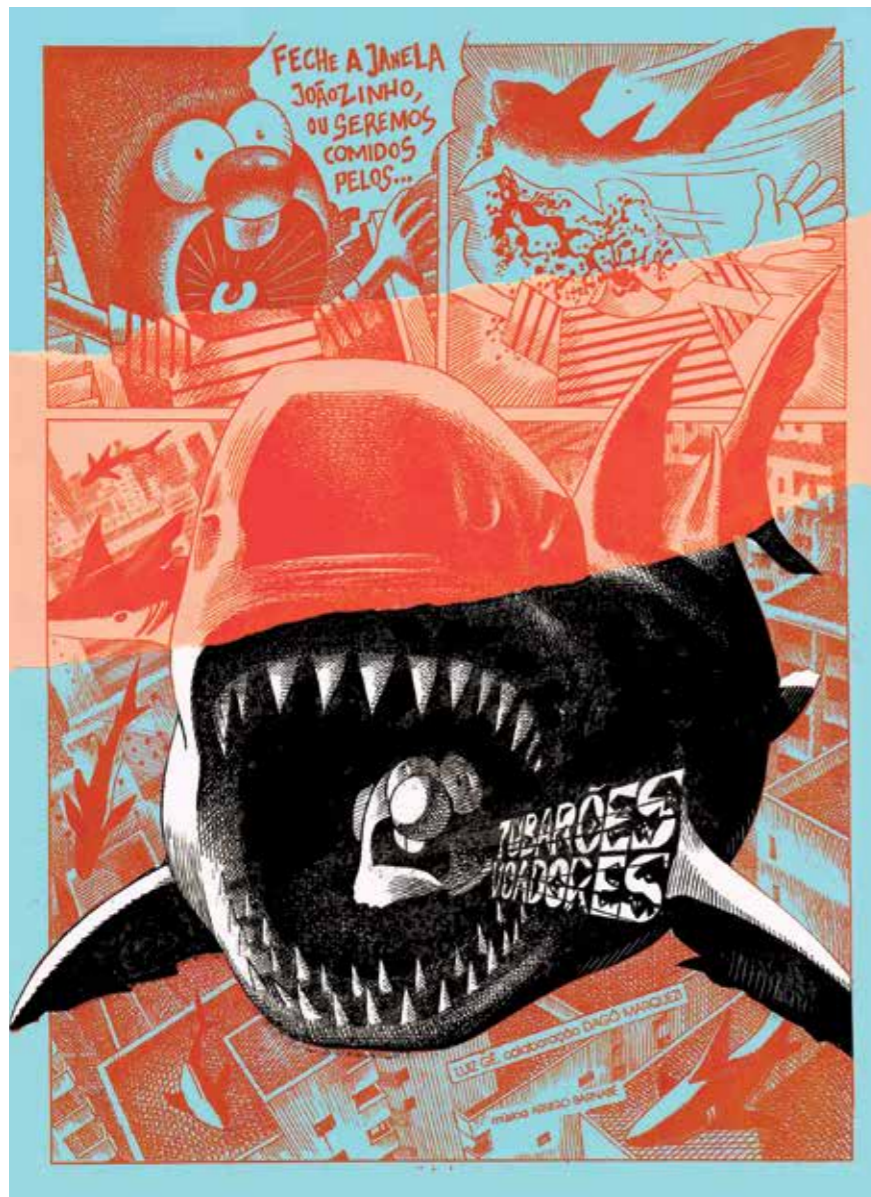
Acaba dando mais resposta do que a publicação no jornal e tem a vantagem de ver o que estoura, o que tem mais compartilhamento. Acho que isso de ver [o retorno] quase que imediatamente é uma coisa bacana, e também é muito bom ler os comentários. Mas sempre tem os caras que chamam, que reclamam, na época da eleição do Bolsonaro vinha um monte de agressão. É curioso porque as charges e os quadrinhos nasceram no século 19, com o aparecimento dos jornais e da liberdade de imprensa, então são filhas dos jornais nesse processo. E, hoje, a charge rebate muito daquilo que é propagado pelos jornais. Ter a charge nessa posição é interessante, mas também não é legal, porque preciso ganhar dinheiro. Neste último semestre, acabei não fazendo charge política. É muito mais um ato de consciência, de cidadania, da sua indignação como cidadão, mas, pô, é um trabalho.

Plaf / Aliás, quando você começou a vislumbrar os quadrinhos como uma possibilidade real de trabalho?

Já no colegial comecei a criar histórias. Na época, comprei um livro do Jaguar e fiz uma dedicatória para mim mesmo, dizendo algo como “Luiz, que você no futuro consiga grana com alguma coisa assim”.

Plaf / Como foi o seu primeiro contato com HQs?

Eu sou de 1951, morei em sítio e só fui pra São Paulo (capital) em 1958. A minha geração tinha os quadrinhos como principal forma de expressão que era consumida. A banca tinha uma variedade grande de temas, de gêneros, não como hoje, que só se vê super-heróis ou mangá. Tinha histórias de ficção científica, infantis, de guerra, de terror, de aventura, de cowboy e, nesse meio, tinha material brasileiro, já que algumas editoras brasileiras conseguiam distribuição. Mas o ápice das HQs eu só fui conhecer na passagem da infância para a adolescência.



“(...) AS CHARGES E OS QUADRINHOS NASCERAM NO SÉCULO 19, COM O APARECIMENTO DOS JORNAIS (...) E, HOJE, A CHARGE REBATE MUITO DAQUILO QUE É PROPAGADO PELOS JORNAIS.”

Plaf / E esse ápice seria?

Little Nemo (de Winsor McCay), é um dos que estão no panteão. Outros dois que foram fundamentais na minha formação: *Tintim* (de Hergê) e *Príncipe Valente* (de Hal Foster). Até hoje não tem nada comparável com esses três casos, são todos do começo dos quadrinhos.

Plaf / Embora muito diferentes entre si, são obras que prezam muito pelo apuro visual.

Eu acho que eles são completos. Eram caras que tinham esse lado visual extremamente desenvolvido, no caso do *Tintim* era mais simplificado, mas ainda assim, sofisticado. E também eram ótimos contadores de história, criavam personagens incríveis, eles não são clichê. Os três (McCay, Hergê e Foster) são mestres narradores, e eles têm esse talento duplo que todo artista deseja, o visual e a narração.

Plaf / E fora dos quadrinhos, há alguma outra influência que ajudou a desenvolver o lado artístico?

Minha geração viu muito desenho, que era extremamente usado nas publicações, na publicidade, em revistas nacionais como *Cruzeiro*, *Manchete*, *Fatos e Fotos*. Tinha também a *Mecânica Popular*, uma revista americana incrível, cheia de coisas inventivas, desenhos técnicos em perspectiva, notícias de conquistas tecnológicas. Meu pai era um cara que tinha muita facilidade para essas coisas técnicas, era muito criativo, aquilo era algo muito presente na minha infância. E o desenho tinha muito a ver com isso. Não era um mundo em que você ia e comprava as coisas, você mesmo fazia. Lembro de meu pai ajudando três primos meus a construir um caiaque nas férias. Construíram, levaram pro açude e navegaram em uma coisa que construíram com as próprias mãos.



“EU GOSTARIA MUITO QUE HOUVESSE ALGUM TIPO DE TERREMOTO NESSE PAÍS.”



Plaf / Existe um grande tema, ou temas, em sua obra?

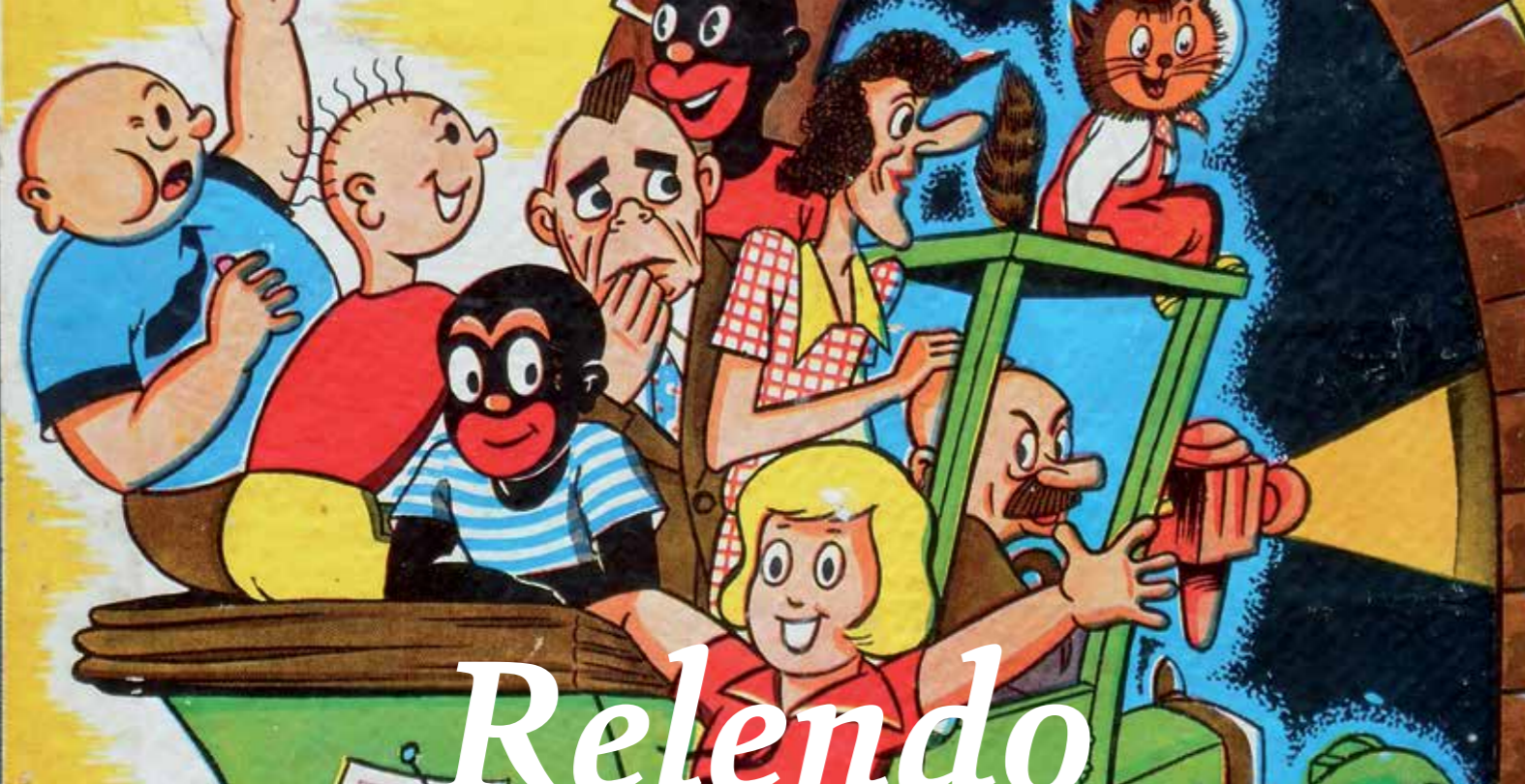
Acho que, de 1975 a 1992, mais ou menos, era o eixo urbano, a cidade, desenhar nossa realidade, do Brasil, de São Paulo. Mostrar caminhos, abordar a realidade de uma forma instigante, dinâmica, que não é chavão, tipo colocar boi-bumbá, coqueiro. Parece que quando a gente vai falar alguma coisa sobre o Brasil, tem sempre esse clichê turístico. Eu estava buscando mostrar isso, como a gente pode abordar nossa realidade de uma forma que seja cativante, surpreendente. E tem a exploração da linguagem (dos quadrinhos) em si, que pega um período ainda maior, está sempre comigo. E tem também a questão de defender o Brasil politicamente, a democracia, o povo brasileiro, a

criação de um país mesmo, não uma colônia, um país em que as pessoas vivam com mais igualdade.

Plaf / E você acha que em algum momento vai abordar um Brasil diferente em seus trabalhos futuros?

Acho que a situação tá crítica, eu não sei se teria condições, eu tô velho. Eu gostaria muito que houvesse algum tipo de terremoto nesse país. É uma época de um pessimismo muito grande, todas as instituições pertencem à oligarquia, uma oligarquia que mantém o país sempre como uma colônia. Não é apenas comigo, tem uma parte do Brasil muito desamparada, sem saber qual é a saída.

Breno Pessoa é jornalista pernambucano especializado em cultura. Acompanhem seu trabalho pelo Twitter: @outrobreno.



Relendo O Tico-Tico

A publicação tem importância histórica na publicação de HQs no Brasil, mas também colaborou com a naturalização do racismo, do machismo e do preconceito de classe por décadas

POR CAROL ALMEIDA

Muito se tem perguntado – e do outro lado, muito se tem comemorado – sobre um suposto retorno de códigos morais extremamente conservadores no núcleo familiar brasileiro. De um lado, percebe-se um certo ar de espanto diante da completa ausência de pudor em enunciados da tríade tradição-família-propriedade, embalados em diferentes roupagens e utilidades de um falso cristianismo. Do outro, um respiro aliviado de finalmente poder emitir discursos de ódio disfarçados de opiniões. Pouco, no entanto, se olha para a História da formação moral de nossa sociedade, talvez uma das mais tradicionalmente conservadoras de toda a América Latina.

E nessa História, não se pode deixar de lado o papel também essencial das primeiras

publicações em quadrinhos dedicadas à formação do público infantil brasileiro. Entre essas publicações, certamente a mais importante, ou aquela que durante mais tempo ajudou a fundar as bases do racismo e do machismo no seio da classe média branca brasileira, chama-se *O Tico-Tico*.

Mas antes que se condene este texto por uma análise anacrônica, ou seja, desinteressada em contextos históricos e culturais em que as obras foram originalmente publicadas, dois recados: é justamente por entender o contexto sócio-político-cultural em que *O Tico-Tico* surgiu, e no qual se manteve periodicamente sendo publicado entre 1905 e 1962, que se pode jogar uma lente sobre a naturalização de algumas práticas da sociedade brasileira.

A VIOLÊNCIA RACIAL E DE GÊNERO E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA FORAM VENDIDAS E CONSUMIDAS COMO HUMOR E ENTRETENIMENTO NA TICO-TICO.

Segundo, é preciso reconhecer a importância que essa publicação teve para o desenvolvimento da própria linguagem em quadrinhos de artistas nacionais e o arcabouço afetivo e impacto que ela exerceu, de fato, na formação de várias gerações que vieram a ter o primeiro contato com personagens clássicos infantis, tais como Mickey Mouse e O Gato Félix.

Isso dito, o que se segue é uma análise de como não apenas as edições dessa famosa revista, como as publicações diretamente herdeiras, mais o livro que foi feito em homenagem ao centenário de *O Tico-Tico*, organizado por professores do Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da USP e publicado em 2005, refletiram a perseverança de se blindar o status quo e suas estruturas de poder e como essa blindagem pode nos ajudar a entender processos históricos contemporâneos que nunca nascem no vácuo.

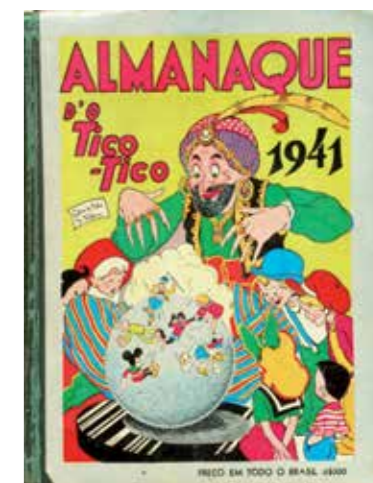
Em breves linhas, *O Tico-Tico* foi um suplemento infanto-juvenil publicado todas as quartas-feiras desde outubro de 1905 até janeiro de 1962; ou seja, ele viu duas guerras mundiais acontecerem e, no Brasil, testemunhou o Golpe do Estado Novo, a fundação da Ação Integralista Brasileira (inspirada no fascismo italiano), ambos em 1937, bem como nos anos 1950, foi contemporâneo de acontecimentos como o 1º Congresso Negro do Brasil e a Lei Afonso Arinos, que instituiu pela primeira vez o racismo como crime. Usando esses fatos como termômetros, digamos, portanto, que a linha editorial de *O Tico-Tico* esteve sempre muito mais alinhada moralmente aos fatos de 1937 que aos eventos do começo dos anos 1950.

O livro que foi feito em tributo ao seu centenário – e, sim, trata-se de uma edição historicamente necessária – ressalta a missão moralista basilar à linha editorial da publicação que

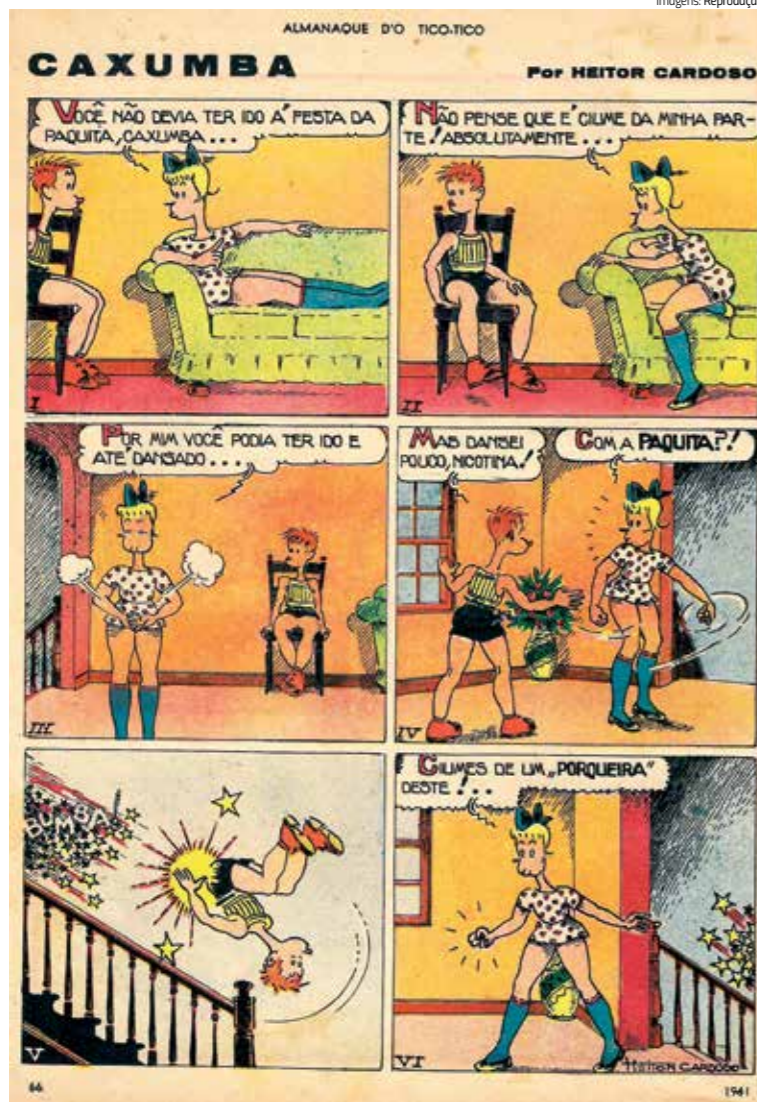
vinha como um encarte no jornal *O Malho*, mas alivia bastante em nome da celebração da data e da importância que *O Tico-Tico* teve no imaginário de figuras conhecidas da elite intelectual brasileira. Na edição comemorativa, apenas dois capítulos se aprofundam em uma contextualização crítica: um deles deixando explícitas as estratégias de criar um conteúdo prioritário para meninos (com algumas seções e histórias especiais para meninas, geralmente ligadas a tarefas domésticas ou moda) e o último, que faz justamente uma revisão dos aspectos racistas e moralistas de vários personagens que atravessaram décadas em histórias da revista.

Figuras como Benjamin, o funcionário obediente de Chiquinho – o menino branco loiro decalcado de um personagem norte-americano, Buster Brown – e Lamparina, a menina negra que constantemente bordejava a caricatura de um animal selvagem, eram populares entre as crianças brancas. Esses personagens circulavam ao lado de vários textos, contos e causos igualmente racistas publicados no mesmo semanário (impossível não se espantar, por exemplo, com um texto “bobinho”, para crianças, de 1930, com o nome de “A escrava fiel”, em que a “moral da história” é que a subserviência das pessoas negras pode ser recompensada quanto mais subserviente se for).

Todos esses personagens eram desenhados com o estereótipo do “black face”, de olhos esbugalhados e lábios gigantes, tal como o primeiro personagem negro numa HQ seriada brasileira – o menino Gibi, que fez tanto sucesso de público (o sucesso em cima de uma estereotipia racista) a ponto de seu nome de tornar sinônimo por aqui de “histórias em quadrinhos”. A pontuar que é sintomático que Benjamin, por exemplo, foi um personagem igualmente decalcado para revistas holandesas

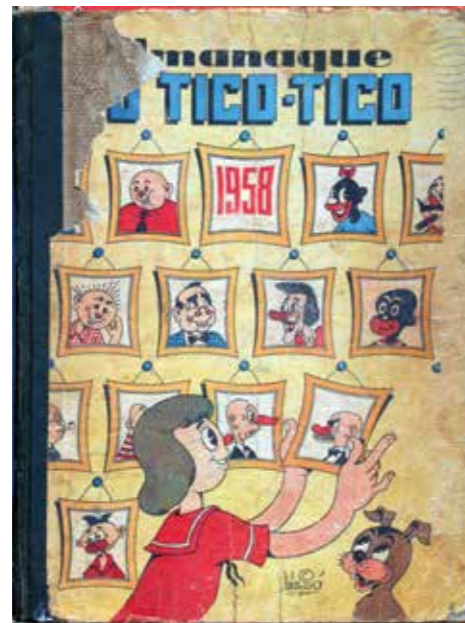


LONGEVIDADE A revista *O Tico-Tico* foi um dos maiores êxitos editoriais da história dos quadrinhos e teve vida longa. Aqui, alguns momentos distintos da publicação, que circulou de 1905 até 1962.



Imagens: Reprodução

ELENCO O civismo, o patriotismo e o catolicismo da revista convivem com machismo e racismo de diversas séries em quadrinhos publicadas ao longo dos anos. Ao lado, é possível ver um painel de personagens publicados em 1958, entre eles os negros estereotipados, como a Lamparina.



que rapidamente teve suas feições alteradas para que ele se aproximasse mais dos cantores de soul norte-americanos, enquanto no Brasil ele permaneceu com o traço "black face" ao longo dos anos.

"Construiu-se em torno de *O Tico-Tico* uma imagem que correspondia a um conjunto de representações projetado pelas classes privilegiadas e assimilado por setores de classe média: a organização de uma sociedade modelar, dirigida pelos mais aptos, competentes e criativos e assistida em suas misérias e diferenças. Procurava-se, desse modo, transformar a visão constringedora de um Brasil atrasado, subdesenvolvido, enfermo e repleto de analfabetos", escreve Zita de Paula Rosa em sua tese de doutorado cujo título já anuncia de onde se parte: "O Tico-Tico: mito da formação sadia." Leia-se: tratava-se de uma revista infantil, tão importante quanto para as últimas gerações foi e é a Turma da Mônica, que tinha um propósito recreativo-pedagógico completamente alinhado com as forças mais conservadoras da nação para que se pudesse blindar todas as mazelas do país.

O civismo, patriotismo, catolicismo, machismo (são várias as personagens mulheres que se encaixam no perfil do adorno bobo e ingênuo) e, naturalmente, o tom indistintamente escravocrata de *O Tico-Tico* ajudaram a fundar um ambiente em que várias outras histórias infantis "educaram" gerações e gerações de brasileiros brancos ou socialmente "embranquecidos" a estabelecerem pilares morais conservadores. Uma das revistas derivadas diretamente de *O Tico-Tico* foi a *Cirandinha*, lançada em 1951, voltada para o público feminino com seções do tipo "Coisas feias que não fazem as meninas bonitas" e quadrinhos como os da personagem Caxuxa, uma menina negra também representada como uma criança mais boba que as outras (em uma das suas histórias, Caxuxa é vista queimando o cabelo de água oxigenada para ficar loira como as mocinhas dos contos de fada e é xingada por sua mãe de "negrinha endiabrada" e por seu irmão de "assombração") ou da personagem Maria Fumaça, a mulher negra trabalhadora doméstica para quem sobravam as piadas sobre ser burra.

A violência racial e de gênero, a intolerância religiosa, e a preservação acima de tudo da propriedade privada foram e ainda são vendidas e consumidas como humor e entretenimento. Esse é um pilar na formação da sociedade brasileira. *O Tico-Tico* e várias outras revistas "ingênuas" são provas disso. Se espantar com o movimento do eterno retorno dessas forças conservadoras é sintoma de um desconhecimento histórico sobre como nos constituímos enquanto nação a partir de fabulações as mais "inocentes" possíveis. É fundamental revisitar a história das histórias em quadrinhos no Brasil também a partir dessa perspectiva. Caso contrário, corremos o risco de nos imobilizar para sempre nesse estado de desavisada perplexidade diante da nossa imagem no espelho.

CAROL ALMEIDA É DOUTORANDA EM COMUNICAÇÃO E EDITORA DA PLAF.

Ângelo Agostini, nosso primeiro quadrinista

O autor ítalo-brasileiro criticou o regime imperialista brasileiro, teve papel importante na luta abolicionista e foi um artista fundamental nos primórdios das HQs no Brasil (e no mundo)

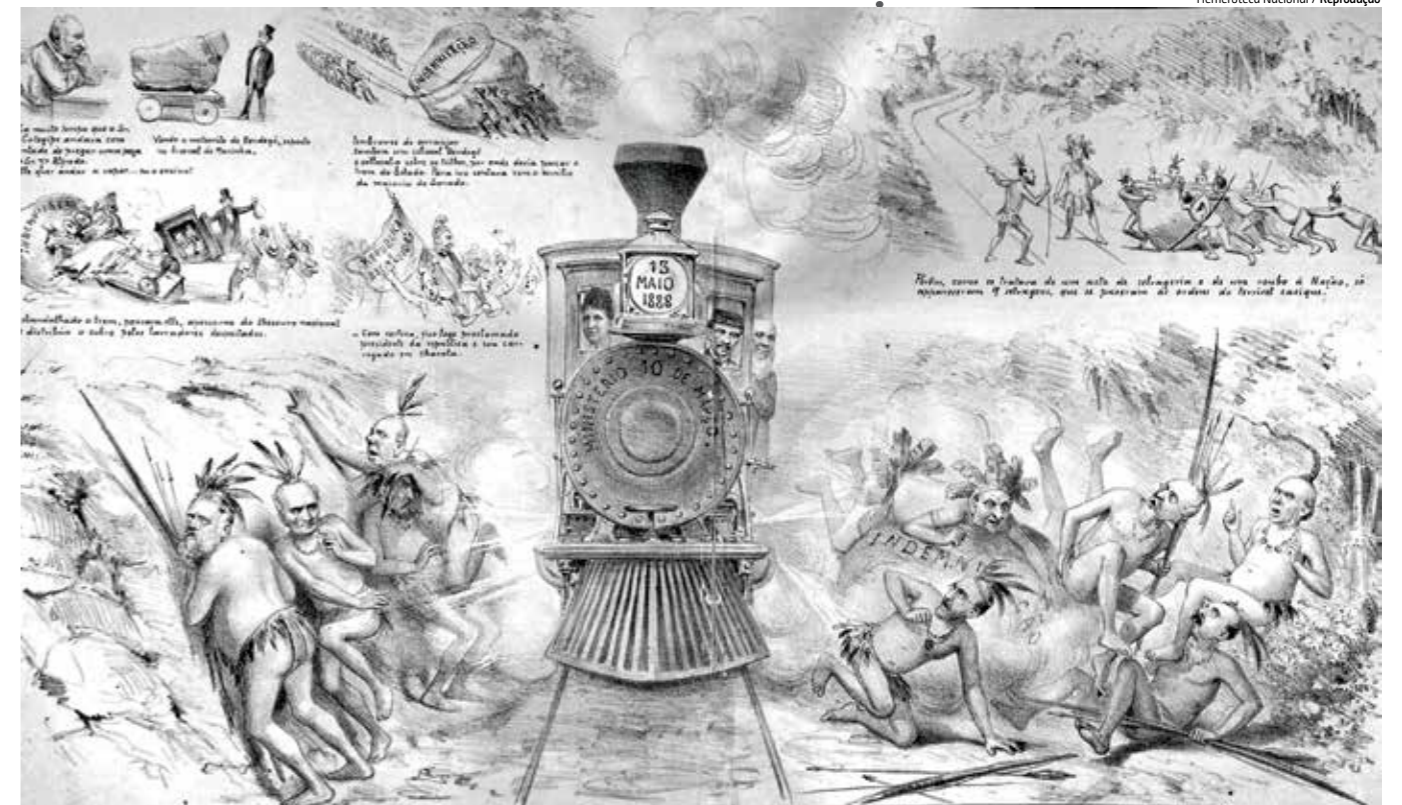
POR THIAGO MODENESI

Muito se discute acerca de quem foi o primeiro a produzir uma história em quadrinhos. Alguns defendem que foi Richard Outcault; outros, Rodolphe Töpffer; e ainda há aqueles que acham possível ter sido o ítalo-brasileiro Angelo Agostini.

Agostini nasceu em Vercelli, região italiana de Piemonte, em 1843. Depois, mudou-se para Paris, onde estudou desenho. Após concluir o curso, em 1858 (aos 16 anos de idade), veio para o Brasil acompanhando sua mãe, a cantora lírica Raquel Agostini. Estabeleceram-se em São Paulo e, antes de chegar à *Revista Illustrada*, Agostini publicou em vários jornais e revistas na cidade - como *O Diabo Coxo* e *O Cabrião*, que ele também editou.

Já no Rio de Janeiro, contribuiu em alguns números de *Arlequim*, em 1867 e seguiu para *Vida Fluminense* em 1868. Lá, seus desenhos amadurecem e ele publica pela primeira vez a sua obra *Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*, no dia 30 de janeiro de 1869. Essa é considerada por muitos nossa primeira história em quadrinhos.

Hemeroteca Nacional / Reprodução



A REVISTA ILLUSTRADA FOI A REVISTA MAIS RELEVANTE NAS ARTES GRÁFICAS NO PERÍODO DO SEGUNDO REINADO. A IRONIA DE AGOSTINI E SUAS CRÍTICAS AO IMPERADOR FORAM SUAS MARCAS.



Na sequência, Agostini publica no jornal *O Mosquito*, de 1869 a 1875 e, após sua saída, passa os meses seguintes organizando o lançamento da sua *Revista Illustrada*, que ocorre em 1876. Agostini contribuiu decisivamente para a imprensa no Segundo Reinado do Império do Brasil. No Rio de Janeiro, publicou e editou sua famosa publicação, que carregou o nome do autor até deixar de ser publicada, mesmo quando ele não desenhava nela há bastante tempo.

A *Revista Illustrada* foi o que de mais relevante circulou nesse período no campo das artes gráficas. A ironia de Agostini e a retratação permanente do imperador como expressão máxima da política da época foram as marcas do que o autor produziu. Joaquim Nabuco, figura expressiva do movimento abolicionista e parlamentar no período imperial, chegou a dizer que a *Revista Illustrada* era a bíblia abolicionista dos que não sabiam ler.

É de se destacar a força da revista como instrumento na campanha abolicionista, que se caracterizou como referencial político e cultural na campanha pelo fim da escravidão, a luta mais importante do período para Agostini.

Também foi publicada na *Revista Illustrada* a segunda grande obra sequencial do autor. Após *Nhô Quim*, surge o *Zé Caipora*, em 27 de janeiro de 1883 - personagem que figura nas páginas da Revista em 24 capítulos publicados de maneira irregular.

Após o sucesso, Agostini decide lançar o *Zé Caipora* em fascículos, criando o que pode ser considerada a primeira história em quadrinhos com personagem fixo publicada no Brasil.

AUTOR PROLÍFICO, PERÍODO BARRA-PESADA

Foram cerca de duas mil páginas durante os doze anos da publicação da *Revista Illustrada*, em meio a um dos períodos mais conturbados da história brasileira.

Curiosamente, os autores do Império tinham a liberdade de desenhar o que quisessem, pois a *Revista Illustrada* não tinha nenhum tipo de financiamento governamental. Na verdade, seu sustento se dava com o apoio dos leitores. Chegou a ter o espantoso número de 4 mil assinantes semanais, em uma Corte com grande presença de analfabetos, índice até então não alcançado por qualquer jornal da América do Sul.

A *Revista Illustrada* também não publicava os chamados "pedidos" e não possuía anunciantes até 1889. Agostini denunciava, por exemplo, o *Jornal do Comércio* por receber favores oficiais. Crítico do Império do Brasil, principalmente da figura de Dom Pedro II, aderiu à causa abolicionista por ver nela uma forma de minar mais e mais as estruturas de sustentação da monarquia brasileira. Suas charges desmoralizaram a escravidão e os senhores de escravos.

Ainda que Agostini se junte à causa não por motivos humanitários, ao menos não em princípio, ele acaba tendo uma participação bastante expressiva na luta pela libertação dos escravos e pela proclamação da República.

O desenho detalhado de Agostini fez dele o principal artista gráfico brasileiro da segunda metade do século 19. Chama atenção a forma como deu destaque aos maus tratos que sofriam os escravizados, com imagens fortes e detalhes sobre as condições de trabalho e as punições. Agostini fazia ilustrações elaboradas, com esmero de detalhes que tinham alcance e grande repercussão na Corte e nas províncias. A defesa do fim da escravidão marca sua obra em especial a partir de 1880. Neste momento, a obra de Agostini atingiu parte da intelectualidade, dos jornalistas, dos parlamentares, chegando até a sensibilizar parte dos proprietários de terra.

No princípio, o foco da *Revista Illustrada* não se deu propriamente na escravidão. Agostini desenhava de tudo um pouco, levando um tempo razoável para nela figurar a primeira ilustração que criticou o regime escravocrata em si. Isso só ocorreu em 1880, na capa da edição 222 do 5º ano da publicação. As charges e histórias em quadrinhos colaboraram muito para a tomada de consciência por parte da elite da desumanidade no trato com os negros.

A obra de Agostini desnuda nuances pouco conhecidas e estudadas da História de nosso país. Exemplo disso é o retrato da escravidão de orientais, que antecedeu a dos negros africanos, feita pelo autor em 1878 no 3º ano de publicação da *Revista Illustrada*. Também pudemos ver o que foi o carnaval no Brasil, as campanhas de saúde pública da época, detalhes do cotidiano da Corte, tudo ricamente retratado no desenho realista do autor.

MARGINAL, AFINAL

Ângelo Agostini foi posto à margem da corte do Império. Suas publicações incomodavam e desestabilizavam a figura do imperador, principal retrato das ideias em uso na época. Todo o possível foi feito para desacreditar o desenhista e mandá-lo de volta à Europa.

À ESQUERDA

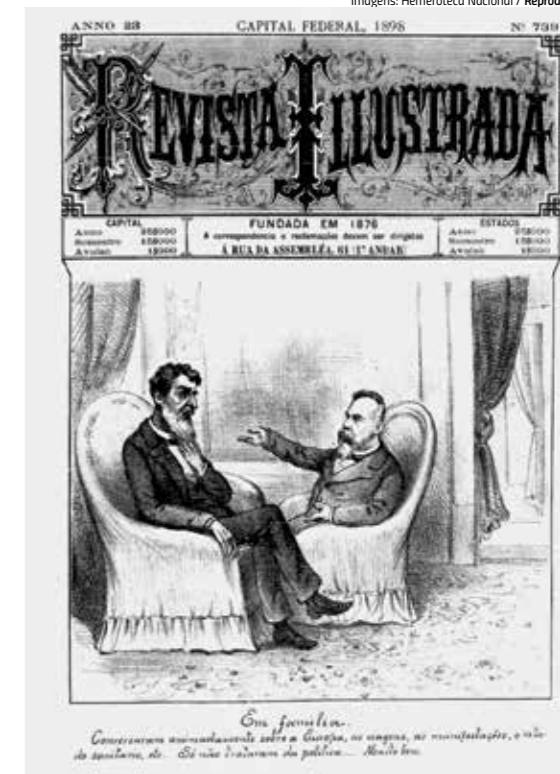
A *Revista Illustrada* trazia uma espécie de crônica visual dos costumes e polêmicas do período, sempre com destaques na capa do veículo.

À DIREITA

Agostini também utilizava sua publicação para defender suas posições e fazer comentários políticos, quase sempre imaginando bastidores do poder.



Imagens: Hemeroteca Nacional / Reprodução



O mais curioso é que isso acontece depois da abolição. Agostini retorna à Europa justo em um momento que havia passado a elogiar o Imperador e a família real.

Agostini desenhava a *Revista Illustrada* até a edição de número 510, que circulou no dia 18 de agosto de 1888. A própria revista viria a noticiar que ele seguiu para a Europa naquele mesmo ano. Sua saída do Brasil se deu por conta de um relacionamento com uma jovem menor de idade, Abigail de Andrade, com quem teve a filha Angelina - um escândalo à época. Em Paris, Agostini vive a tragédia de perder seu segundo filho, que morre ainda bebê, e logo depois sua esposa.

Após a saída de Agostini, Luiz Andrade e Pereira Neto passaram a comandar a *Revista Illustrada* em todos os seus aspectos, se esforçando para manter a semelhança com as ilustrações de Agostini.

Agostini então volta ao Brasil e funda a *Revista Don Quixote*, que seria publicada por quase dez anos (1895 - 1906). Colabora também com a revista *O Tico-Tico*, importante publicação do período, onde traz de volta um personagem que o havia marcado: o *Zé Caipora*. Ainda colaborou na *Gazeta de Notícias* e na revista *O Malho*. Nela, ele publica mais 40 capítulos inéditos da saga do *Zé Caipora*, de 1905 a 1906, encerrando-a no 75º capítulo com um gancho para uma continuação que nunca viria a acontecer. A obra tem momentos cômicos, uma fase de aventura e outra de romance. O Senado Federal chegou a publicar, em 2002, um álbum reunindo as histórias de *Nhô Quim* e *Zé Caipora* publicadas entre 1869 e 1883 - uma leitura essencial.

PIONEIRO DAS HQS

Não há como contestar que a página 8 da *Revista Illustrada* trazia uma ilustração que podemos tranquilamente considerar uma charge de algum acontecimento do período, geralmente vinculada a figuras de destaque da corte e das políticas da época.

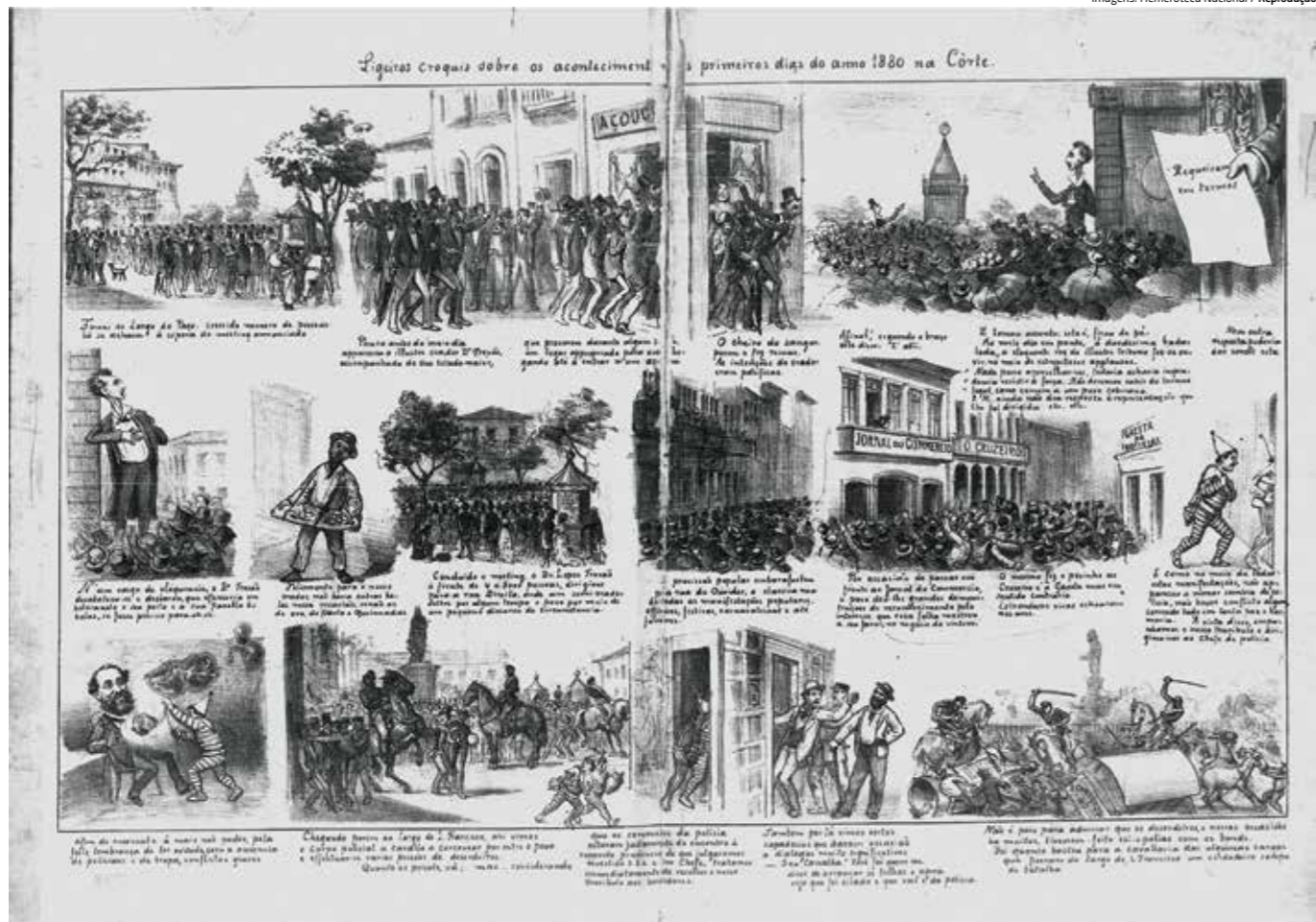
As páginas centrais, contudo, não são simples de classificar. A sequência de quadros com textos no rodapé não é considerada por todos os pesquisadores da área como sendo necessariamente uma história em quadrinhos.

Particularmente, me arrisco a enquadrá-las na categoria da arte sequencial. Mesmo não tendo balões, as entendo como histórias em quadrinhos no seu estágio embrionário. *O Menino Amarelo* de Outcault também não os possuía - o texto estava contido no camisolão do personagem principal. Ainda assim, todos consideram essa uma história em quadrinhos.

O que mais chama a atenção nas sequências ilustradas nas páginas centrais da Revista é que podemos entender as imagens sem sequer ler os textos, bem como poderíamos cobrir as ilustrações e compreender perfeitamente o escrito abaixo destas.

Mas a obra de Agostini só é plena aqui justamente quando admiramos o conjunto, a sequência como um todo, com texto e com imagem, dando materialidade a uma das (se não for a primeira) história em quadrinhos

Imagens: Hemeroteca Nacional / Reprodução



JOAQUIM NABUCO CHEGOU A DIZER QUE A ILLUSTRADA ERA A “BÍBLIA ABOLICIONISTA DOS QUE NÃO SABIAM LER”.

do mundo e capturando muito da cultura, do povo brasileiro, em suas páginas.

A influência de Agostini ainda é grande no Brasil do século 21. Uma das principais premiações de HQs do Brasil leva o seu nome, o Troféu Angelo Agostini da Associação de Quadrinhistas e Caricaturistas. Mas não só: há pesquisadores que consideram os desenhos publicados por Agostini para *O Cabrião* como a primeira charge produzida no Brasil. A partir desse material, se deram as bases para o conjunto das charges do século 20 e 21, que são veiculadas em praticamente todos os grandes jornais do país.

Ali está o toque do deboche, ora sutil, ora escrachado, das autoridades constituídas, do poder e da política brasileira - tradição inaugurada ainda no Império na crítica ao rei e sua corte, seguida na República pelos mais variados chargistas. Também está no Zé Caipora e em Nhô Quim o retrato do cotidiano do brasileiro, em particular do

mais humilde, do cidadão do interior, tudo com muito humor e sarcasmo.

As minúcias de nossa história têm sido revisitadas por vários autores nacionais nos últimos anos. São herdeiros diretos da tradição que busca compreender quem é e como vive o brasileiro, quais as suas contradições, angústias e características - algo que podemos ler hoje nas HQs de Flávio Colin, Marcelo D' Salette, José Aguiar, mas também nas sátiras do cotidiano feitas por Laerte, Angeli e Glauco nos tempos da *Chiclete com Banana*. Tudo tem um toque de Agostini.

Thiago Modenesi é Licenciado em História pela UFPE, com Especialização em Ensino de História pela UFRPE, mestre e doutor em Educação também pela UFPE. Autor do livro *Educação para Abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado* e organizador da coleção *Quadrinhos e Educação*.



O IMAGINÁRIO do NORDESTE nos QUADRINHOS

Assim como outras artes, as HQs também contribuíram para inventar a ideia do território como parte de um imaginário místico e tradicional, o que leva a um debate complexo sobre identidade nacional, relações de poder e preconceitos

POR PAULO FLORO

No mito da coesão nacional, o Nordeste tem um espaço bem delimitado. É aquele território mágico, cercado de sabores fortes, sol onipresente e campos abertos, de uma cultura rica, plena de misticismo e mistério. Dentro de uma perspectiva irreal de uma identidade nacional conciliatória, essa idealização do Nordeste pode soar suficiente, mas está longe da realidade e não contempla, nem de longe, a complexidade de uma região tão diversa social e culturalmente. A própria ideia de Nordeste é algo construído socialmente como fruto de uma batalha por uma hegemonia geopolítica, que emerge de uma tentativa de contrapor um sul industrializado e moderno a um Norte mais pobre e subalterno. Seria um território destinado a guardar o conjunto das memórias coloniais (e com ela todas as suas violências e contradições), o que o historiador Durval Albuquerque chamou de “espaço da saudade”.

Por outro lado, ainda que nosso olhar se liberte desse verniz condescendente e imaturo, é impossível ignorar todas as tradições e riquezas culturais que se apropriam do imaginário do Nordeste. Desde o início do século 20, diversas obras de arte beberam dessas imagens e, com abordagens bem diversas, reforçaram ou desconstruíram estereótipos da região. O que é pouco debatido nos estudos sobre os processos históricos e midiáticos do desenvolvimento do Nordeste imagético é a contribuição das histórias em quadrinhos. Desde as primeiras charges de Angelo Agostini, as artes gráficas comunicam experiências cotidianas que ajudaram a formar essas representações nordestinas na cabeça do brasileiro. E se hoje falamos da urgência de uma nova visualidade para o Nordeste, para que se rompa com esses discursos bem demarcados do “povo nordestino”, são também os quadrinhos que podem trazer novas referências nesse debate — o que vemos em novas obras como *Cangaço Overdrive*, *Bando de Dois e Aterro*.

DIVERSAS charges mostram que o sertão foi um dos principais assuntos da imprensa no início do século 20, como esta, da revista O Malho (RJ).

O PERNAMBUCANO Jô Oliveira rompe com um nordeste idealizado ao adicionar camadas de complexidade em seus quadrinhos, nos anos 1970.



Os primeiros quadrinhos publicados no Brasil já se apoiavam numa lógica que reproduzia essa ideia do homem do campo subalterno e bruto. Um dos pioneiros das HQs no Brasil, Angelo Agostini, usava esse imaginário para fazer crítica social com seu personagem Nhô Quim, de 1870 — um caipira que tenta se introduzir na metrópole, um pária deslocado de uma sociedade que se orgulhava de sua recente modernização. A presença do Nordeste (e sobretudo do sertão) nos quadrinhos brasileiros é, portanto, quase tão antiga quanto na literatura. Mas trata-se de mídia escassa em termos de análises bibliográficas, ao contrário da tradição da crítica literária brasileira. Mesmo o capital intelectual da crítica de arte, que formou painéis diversos sobre artes visuais, cinema, teatro, fotografia, etc, ignorou — deliberadamente ou não — o meio das histórias em quadrinhos. Parte disso deve-se à disputa ideológica na academia, que considerou por muito tempo as HQs como um produto de massa “inferior”, conferindo a ela uma posição subalterna dentro de uma perspectiva intelectual e acadêmica.

Foi o cangaço o principal repositório do imaginário sertanejo na imprensa brasileira, como atestam as charges em revistas ilustradas como *O Malho e Fon-Fon*, entre 1907 e 1935. Uma charge de 1907 mostrava o assalto do cangaceiro Antonio Silvino à Mesa de Rendas (instituição relacionada ao Fisco da época), em Barra de São Miguel (AL), cujo saque deixou os funcionários nus. Silvino apareceria como um dos principais personagens das charges, sendo constantemente romantizado como um bandoleiro



mítico que desafiava até mesmo o governador de Pernambuco, Dantas Barreto, diversas vezes pressionado e ridicularizado. Outros temas que entravam no bojo dessas charges eram a seca, a mortalidade, as migrações e, mais tarde, as andanças de Lampião e seu bando.

Um dos primeiros registros de uma história em quadrinhos completa surge em 1938, *Vida de Lampeão*, do pernambucano Euclides Santos, publicadas entre agosto e dezembro de 1938 na *Noite Ilustrada* (suplemento do jornal carioca *A Noite*). A biografia de Virgulino Ferreira dos Santos é apresentada desde a infância, passando pela vida adulta, quando torna-se um cangaceiro famoso em todo o Brasil, até sua morte na Grota de Angicos, em Poço Redondo, Sergipe. O autor decidiu dividir a obra em 20 capítulos e consegue, ainda que timidamente, tentar entender a figura complexa que foi Lampião. O cangaço como um todo teve sua narrativa dominada pela mídia sulista, que colocava seus membros dentro de uma espécie de “banditismo social” — guerreiros que pareciam surgir como produtos de uma terra sem lei, ainda que diversos autores já desconstruíssem essa ideia pelo menos desde os anos 1940.

O cinema se apoiou muito nesse cangaço romantizado e ainda fez a lambança conceitual de unir o faroeste norte-americano com os cangaceiros. O maior hit desse banguê-banguê sertanejo talvez seja *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, de 1953, mas diversas outras obras surgem pelo menos até os anos 1970, o que fez pesquisadores cunharem o termo “nordestern”.

Os quadrinhos pegaram carona nessa proposta e usaram as histórias do cangaço como uma tentativa de encontrar um tom nacionalista para a incipiente indústria de HQs brasileira. José Lanzelloti lançou *Raimundo, o cangaceiro* no mesmo ano do filme de Barreto; uma obra bem realista no traço, ainda que totalmente desconectada da realidade, com diversas imprecisões históricas que iam de roupas e armas até o fato dos cangaceiros andarem a cavalo pela caatinga (o que não acontecia). *Jerônimo, herói do sertão*, escrita por Moises Whiltman, que também assinava os roteiros de uma novela de rádio de mesmo nome, fez ainda mais sucesso com a mesma ideia e trazia desenhos de Edmundo Rodrigues e Flavio Colin.

Juvêncio, o justiceiro do sertão (1957), criado pelo jornalista Reinaldo Santos, foi outro personagem que surgiu no hibridismo do sertão com as histórias de faroeste. Baseado em uma famosa radionovela do período, o gibi do herói foi lançado pela Editora Prelúdio e teve entre seus roteiristas nomes como Gedeone Malagola, Helena Fonseca, R. F. Lucchetti e Fred Jorge. Entre os desenhistas estavam Sérgio Lima, Rodolfo Zalla, Eugênio Colonnese e Edmundo Rodrigues. Vale ainda citar *Cangaceiros*, de André LeBlanc, que saiu na *Edição Maravilhosa*, em 1954; a obra que adaptava o clássico de mesmo nome de José Lins do Rêgo.

REGIONALISMO TAMBÉM CASA COM REALISMO

O pernambucano Jô Oliveira sempre usou o imaginário do Nordeste como motor criativo de suas histórias. Entre os anos 1960 e 1970, ele iniciou uma rica produção de quadrinhos e ilustrações que ia de encontro às produções simplistas sobre a região (tanto nos quadrinhos quanto em outras artes). Seu estilo se utiliza da estética do cordel e de diversas referências nordestinas, em uma narrativa que encontra diálogo com os trabalhos de Ariano Suassuna e o movimento armorial, sobretudo no amálgama de mitos europeus à cultura popular — como a cavalgada, caboclinho e bumba-meu-boi.

Seu trabalho é baseado em pesquisas e, por isso, parte desse desejo de compreensão ao mesmo tempo em que evoca imagens facilmente reconhecíveis do Nordeste. *A Guerra do Reino Divino* saiu primeiro na Itália, em 1975, assim como *L'Uomo di Canudos* (1979), ainda inédita por aqui.

A presença de Oliveira no exterior, atuando em revistas como *Corto Maltese*, ajudou a levar o imaginário do sertão para o mercado de quadrinhos internacional. Em 1981, Hugo Pratt publicou *L'uomo del sertao*, uma trama passada no Nordeste brasileiro, estrelada pelos



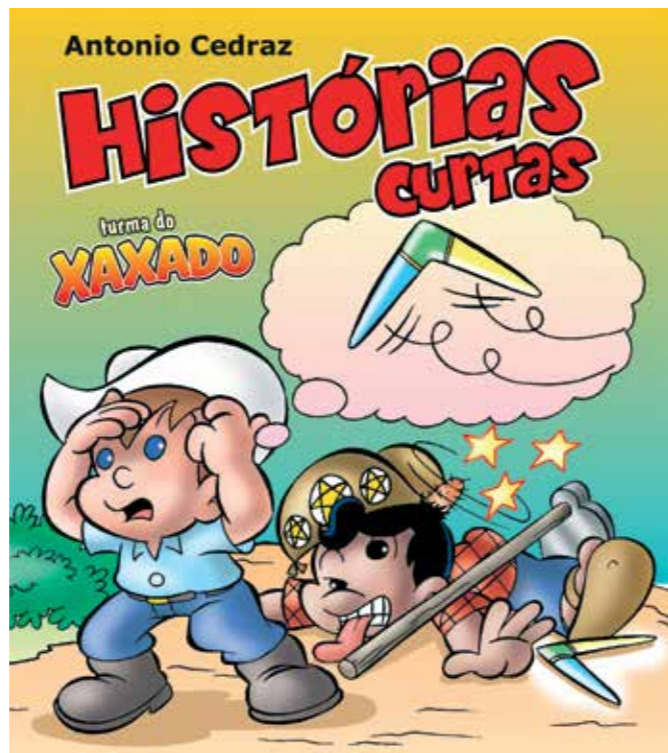
CANGAÇO OVERDRIVE, de Zé Wellington, Walter Geovani e Luiz Carlos Freitas atualiza a estética do imaginário nordestino para uma proposta cyberpunk

AS HQS, COM SUA LINGUAGEM TÃO PARTICULAR, ADICIONA NOVAS CAMADAS DE SIGNIFICADO SOBRE O IMAGINÁRIO NORDESTINO.



AS HQS sobre o Nordeste também serviram de veículo para um enfrentamento ao imperialismo cultural estadunidense e seus heróis fantasiados.

APOSTANDO no apelo mercadológico do público infantil, Antonio Cedraz criou um série toda baseada em personagens sertanejos, a Turma do Xaxado.



Imagens: Reprodução

OS QUADRINHOS, JÁ NOS ANOS 1970, TRAZIAM UMA DESCONSTRUÇÃO DO SERTÃO, O QUE O CINEMA IRIA EXPLORAR APENAS EM MEADOS DOS ANOS 1990.

cangaceiros Gringo e Capitão Corisco e com misturas de referências que vão do candomblé às lutas políticas na região; tudo em um tom de aventura e erotismo que aproxima a obra do gênero western nos quadrinhos.

O belga Hermann também dedicou uma obra ao sertão brasileiro em *Caatinga*, uma HQ com um trabalho bastante detalhado e feito todo em cores, onde é possível ver paisagens bem realistas do território sertanejo. O quadrinista retrata os cangaceiros como revolucionários em uma trama que explora a questão do latifúndio e da concentração de terras. A editora Globo lançou uma versão da obra no Brasil em 1998.

O que se constata é que os quadrinhos experimentaram, já nos anos 1970, uma desconstrução do imaginário do sertão que o cinema iria explorar apenas em meados dos anos 1990.

ESPAÇO DE DEBATE

Nos anos 1970 e 1980, Henfil fez muito sucesso com seus personagens Graúna, Zeferino e Bode Orelana, que traziam o sertão como pano de fundo para fazer crítica social em plena ditadura militar. Com um traço minimalista e inovador ("anti-Disney", como chegou a batizar), as HQs faziam um panorama do Brasil usando o Nordeste como veículo de contradições do Brasil do período.

Os personagens da série servem como sátira para arquétipos presentes na sociedade brasileira do período, a exemplo da Graúna, uma ave escura típica do Nordeste que representa uma mulher de classe média, e o bode Orelana, que come livros — paródia de uma classe média intelectualizada, porém inerte. Já o Capitão Zeferino é um típico cangaceiro cabra-macho valente. Henfil deixa claro seu posicionamento

[NOS ANOS 1990] A PROPOSTA NÃO ERA A DE FAZER UMA ODE NACIONALISTA OU DE ADAPTAR CLÁSSICOS, MAS DE EXPLORAR AS POSSIBILIDADES DO IMAGINÁRIO DE DIVERSAS REGIÕES.

O NORDESTERN (mistura de western com estética sertaneja), comum no cinema, aparece em HQs como Bando de Dois, de Danilo Beyruth.

anticapitalista e de resistência contra o governo militar, mas seu sertão ainda é aquele espaço da terra miserável, castigada do sol, das cabeças de gado, cactos, distante da complexidade do território.

Flavio Colin, nos anos 1990, é parte de uma linha de frente de autores brasileiros que lançam obras autorais baseadas em referências brasileiras. Ao contrário dos anos 1950, a proposta não era a de fazer uma ode nacionalista ou de adaptar clássicos, mas de explorar as possibilidades do imaginário de diversas regiões. Sua HQ *Mulher Diaba no rastro de Lampião*, escrita por Ataíde Braz, é parte dessa premissa. Na trama, uma mulher atacada pelo bando de cangaceiros de Lampião faz um pacto demoníaco para se vingar dos seus agressores. A obra saiu pela editora Sampa e se destaca pelo desenho de Colin, que traz bastante influência de xilogravura, cordel, mas também dos traços do quadrinho europeu.

Wilson Vieira foi outro autor importante a trabalhar o tema. Sua obra *Cangaceiros - homens de couro* foi produzida ainda nos

anos 1990, mas só conseguiu ser publicada em 2004 pela Cluq. Vieira se baseou em material de pesquisa iconográfica e de indumentária para contar os primeiros 22 anos de Virgulino Ferreira da Silva (o Lampião). A arte do álbum é de Eugenio Colonnese e a capa de Mozart Couto. A revista Maturi, do Rio Grande do Norte, teve papel importante nessa proposta de buscar outras representações nordestinas, com um corpo interessante de colaboradores como, entre outros, Mozart Couto. O período também foi repleto de produções independentes, que traziam um Nordeste mais realista; porém, grande parte das HQs tinham um didatismo muito marcante, com histórias engessadas, sem muito ritmo.

Ainda nos anos 1990, o quadrinista baiano Antonio Cedraz fez sucesso com sua série de quadrinhos infantis *Turma do Xaxado*. A obra buscava referências em diversos elementos do imaginário sertanejo, sobretudo as peças de couro e a paisagem da caatinga. Na trama, o menino Xaxado é neto de um cangaceiro que fez parte do bando de Lampião. Ele é acompanhado nas histórias pelos amigos

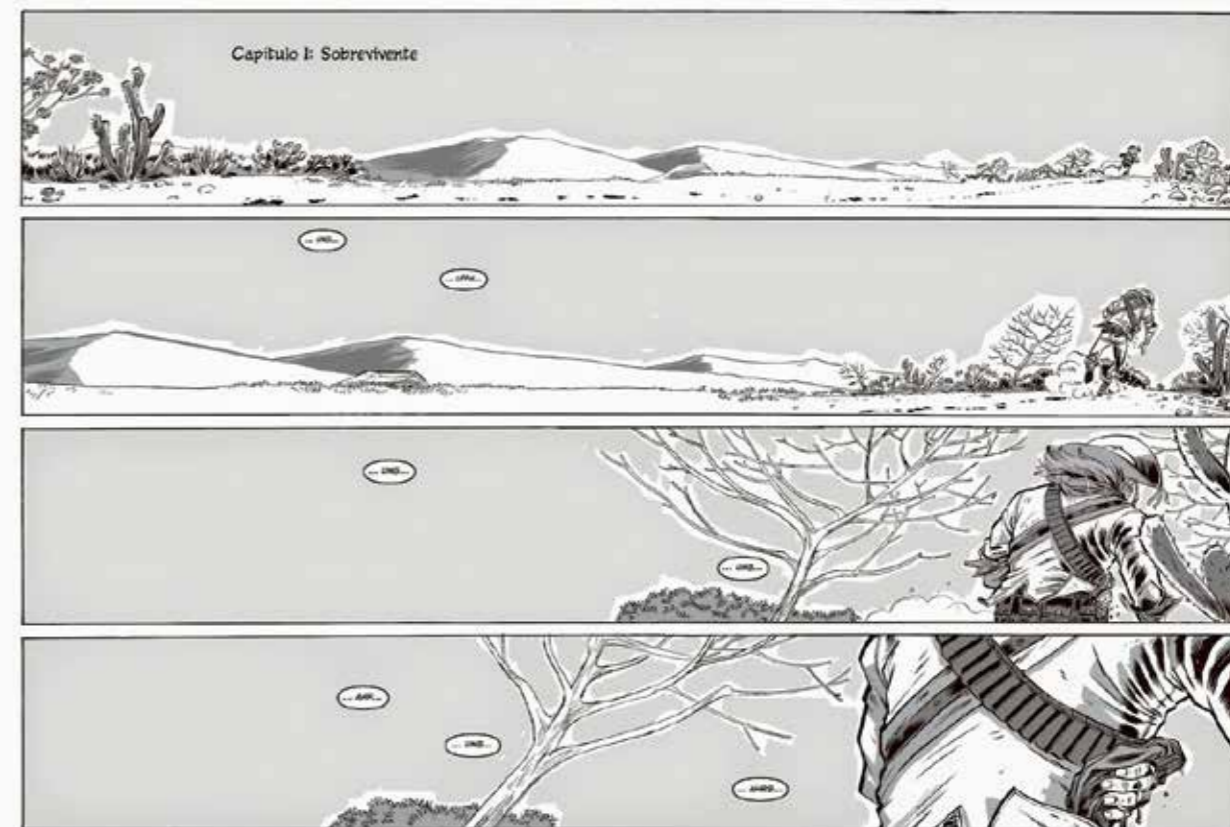
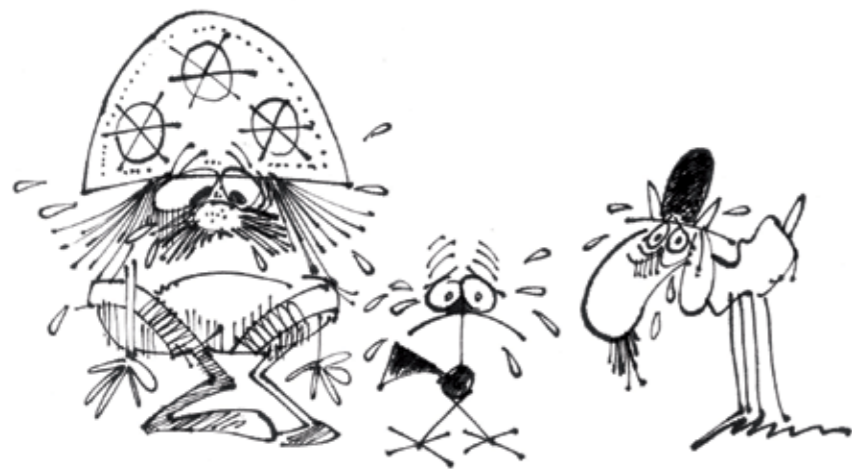


Imagem: Reprodução



O SERTÃO VAI VIRAR MAR!

HENFIL utilizava os personagens da Graúna como uma crítica mordaz à sociedade brasileira e à ditadura militar, mas suas ideias também reforçavam estereótipos do território.

Zê Pequeno, que tem como característica marcante a preguiça; Marieta, conhecida pela inteligência; e Capiba, que sonha em ser um cantor famoso. Há também muitos seres do folclore brasileiro, como o Saci, a Mula-Sem-Cabeça e a Caipora.

Os anos 2000 trouxeram uma retomada da inspiração do imaginário do sertão nas HQs brasileiras, com diversas obras, grande parte delas adaptações literárias. Destacam-se, entre outras, *Estórias Gerais* (2001), de Wellington Srbek e Flavio Colin e *Bando de dois* (2010), de Danilo Beyruth, além de *Morte e Vida Severina* (2010), de Miguel; *O Quinze* (2012), de Shiko (adaptação do romance de Rachel de Queiroz); *Vidas secas* (2015), de Guazzelli (adaptação do romance de Graciliano Ramos); *O Cabeleira* (2008), de Allan Alex, Leandro Assis e Hiroshi Maeda; e *Grande Sertão Veredas* (2016), de Guazzelli (adaptação do romance de Guimarães Rosa).

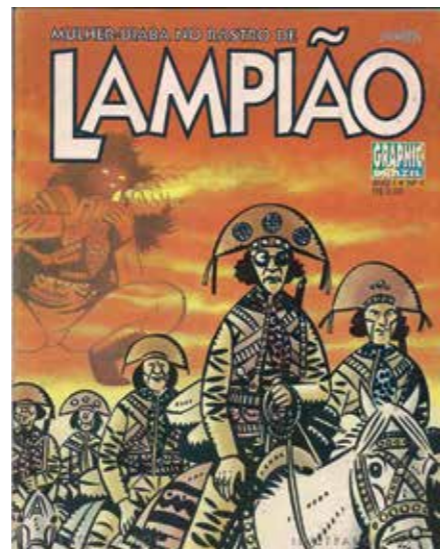
Estórias Gerais talvez seja a mais emblemática HQ a carregar essa proposta de deslocar o debate sobre o espaço nordestino e seus afetos. Srbek e Colin pensaram uma obra que desse conta da complexidade social do sertão, com sua relação cheia de nuances entre governo, igreja e sociedade. A história é dividida em seis capítulos, que trabalham com diversos temas relativos ao sertão, com destaque para o cangaço. As HQs são situadas na fictícia cidade de Buritizal, localizada no norte de Minas Gerais, região

que está inserida dentro do território do sertão, e se passam em 1920. Coronéis, jagunços, disputas e cenas cotidianas sertanejas perpassam a história do temido cangaceiro Antônio Mortalma.

Já *Bando de Dois*, com roteiro e desenhos de Danilo Beyruth, é um remix de imaginário do sertão com referências pop, como assombrações e zumbis. A influência do faroeste spaghetti de Sergio Leone e Sergio Solima é evidente, bem como do norte-americano Clint Eastwood. O desenho é bastante ligado ao realismo de ação norte-americano, de Alex Toth e companhia.

Bando de Dois surge no mercado brasileiro em um momento de transição, quando grande parte da produção autoral passa a ganhar destaque nas livrarias, dividindo espaço com outras produções do mercado editorial. Depois dela, outras obras começaram a chegar, tendo como proposta trabalhar aspectos do Nordeste.

Tô Miró (2012), organizada por Raoni Assis, parte da obra do poeta pernambucano Miró da Muribeca para dar conta da complexidade do Recife e da relação das pessoas com a metrópole. Christiano Mascaro, um dos autores mais conhecidos da revista *Ragú*, também registrou essas contradições da paisagem urbana com seus meninos de rua gigantes, uma história que ainda ressoa poderosa e que saiu na *Ragu 6* (2004).



Imagens: Reprodução

FLAVIO COLIN conseguiu ir além dos estereótipos do cangaço em suas HQs.

Também refletindo sobre essa metrópole tão rica de histórias humanas temos os vários zines de Rogi Silva, que baseou suas narrativas a partir de suas vivências na periferia do Recife em obras como *Aterro* e *Mergulhão* (ambas de 2018).

O sertão, no entanto, segue como repositório importante das HQs do Nordeste. *Cangaço Overdrive* (2018), de Zê Wellington, Walter Geovani e Luiz Carlos Freitas, se vale da estética cyberpunk em uma HQ de ação e ficção científica que mistura experimentos tecnológicos com cangaço, ambientados no Ceará do futuro. Também futurista, vale citar *Pindorama*, de Erick Volgo e Lehi Henri, um gibi que se passa em uma Recife semissubmersa e que traz uma travesti cangaceira.

O lugar do Nordeste já foi muitas vezes deslocado, reconstruído, estereotipado, celebrado, criticado, ignorado, valorizado. E as HQs, com sua linguagem própria, contribuíram desde sempre para esse debate. Ler essas obras, por tanto tempo ignoradas dos estudos sobre a cultura brasileira, permite reconhecer novas camadas de significado nesse intrincado jogo de relações de poder e construção de imaginários.

Paulo Floro é mestre em comunicação e pesquisador de quadrinhos. É editor da Plaf e da Revista O Grito!

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Ciça: humor pela liberdade

Cecília Alves Pinto driblou a censura da ditadura, o machismo no meio editorial e foi pioneira no humor gráfico com personagens como O Pato e Bia Sabiá

POR RENATA ARRUDA

Ciça, nome artístico de Cecília Alves Pinto, é considerada uma das grandes pioneiras dos quadrinhos nos jornais brasileiros. Nascida em São Paulo, atuou como jornalista até começar a publicar suas tiras no *Jornal dos Sports*, em 1967. O feito era pouco comum: na época, não havia mulheres publicando cartuns em veículos de imprensa no Brasil. Começou a investir no humor gráfico por puro prazer. “Sempre soube que, pelo menos aqui no Brasil, essa carreira é muito pouco compensadora para se ganhar a vida”.

Entre as suas influências, Ciça menciona “autores diversos, mestres dos quadrinhos, jornalistas do *Pasquim*, revistas de humor europeias e mesmo americanas”. Porém, é o cotidiano que costuma inspirá-la: “para criar, na época, eu lia os jornais de cabo a rabo, do título ao ponto final. Toda a inspiração vem do que acontece”. E é de um momento particularmente turbulento no país que surge *O Pato*, série que projetou Ciça nacionalmente e a transformou em um dos maiores nomes da mídia gráfica no Brasil.

Publicada durante a ditadura militar, a série utilizava personagens sempre em forma de animais para analisar criticamente a situação política e social do país. A linguagem empregada pela cartunista fazia com que seu trabalho corresse menos risco de sofrer censura. “Nos anos mais duros, acredito que o fato de ‘falar’ através de pequenos animais me defendeu das autoridades, que talvez não se dispusessem a se reconhecer como formigas, por exemplo”, reflete. E embora revele ter se envolvido com política institucional, ela afirma que nunca chegou a ter problemas com as autoridades: “meu nome constou em listas de nomes ‘censuráveis’ ou ‘de interesse’, mas ficou nisso”.

Ao analisar o período, Ciça diz que o momento que o Brasil passava lhe amadureceu enquanto artista. “Me fez evoluir de comentários comportamentais e humor simples para as críticas à situação política que transformou o país durante os vinte anos de autoritarismo”, diz. “Uma ditadura é sempre uma tragédia, mas tem muito de ridículo. E o humor é uma das armas com que se pode lutar pela liberdade, assim como todas as outras formas de arte”. Driblando a censura, as tiras de *O Pato* foram publicadas na Folha de S. Paulo entre os anos 1970 e 1980 e, posteriormente, reunidas em duas coletâneas: a primeira em 1986 e outra lançada em 2006 com o título de *Pagando o Pato* (L&PM Editora).

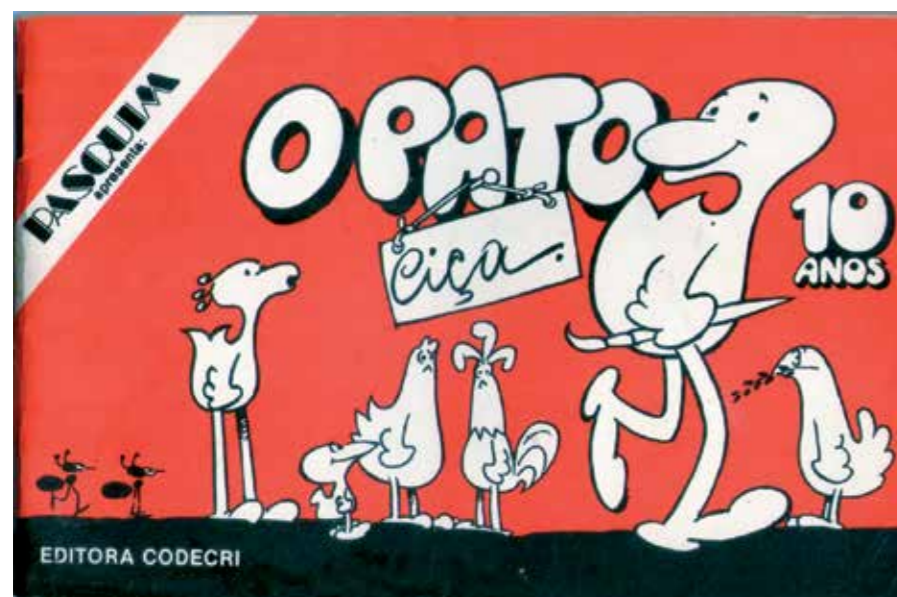
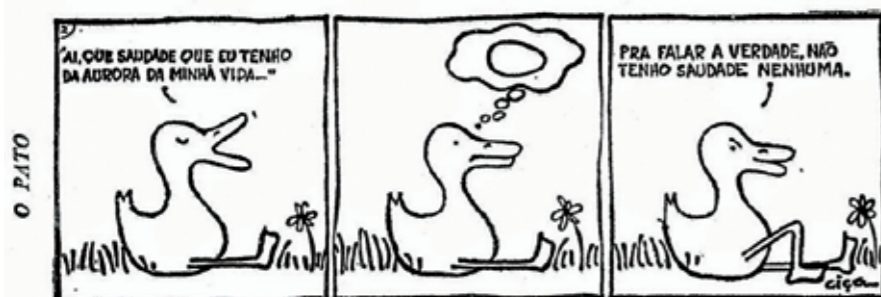


Foto: Acervo Pessoal / Divulgação

FICHA

Nome: **Cecília Alves Pinto**
Natural de **São Paulo, SP**.
Carreira: **1967 - Atualmente**
Principais trabalhos: **Pagando o Pato (L&PM), Dois Meninos na Chuva (Melhoramentos)**

Imagens: Reprodução



PIONEIRA Cica atuou em diferentes veículos da imprensa, mas ficou famosa pelo seu personagem O Pato, lançado durante a ditadura militar; a personagem Bia Sabiá foi criada para publicações feministas como Mulherio e Nós Mulheres.

“OS TEMPOS DIFÍCEIS ESTIMULAM A CRIATIVIDADE, AUMENTAM A CAPACIDADE DE INDIGNAÇÃO”.

Além da Folha de S. Paulo, Cica colaborou com diversos veículos de imprensa, como o aclamado *O Pasquim*, fundado por seu marido, o artista plástico Zélio Alves Pinto. A autora conta jamais ter sofrido preconceito em relação ao seu trabalho, mas admite que era vista “quase [como] uma curiosidade” pela redação majoritariamente masculina do semanário. Também pondera sobre as acusações de que a publicação, uma das mais importantes da imprensa brasileira no período, era machista. “*O Pasquim* tinha um olhar machista, sim, mas era mais um certo olhar de superioridade, mais de condescendência do que de hostilidade. Não era uma atitude de ataque, mas de um desrespeito leviano”.

Alinhada ao movimento de mulheres nos anos 1970, a cartunista criou a Bia Sabiá, personagem concebida especialmente para jornais feministas como *Mulherio*, *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*. Nas tirinhas, Cica problematizava o machismo presente nas relações entre homens e mulheres, criticando a invisibilidade do trabalho doméstico. De lá pra cá, ela acredita ter havido “muitos avanços, principalmente na percepção dessa invisibilidade. E do longo caminho que ainda resta percorrer”.

Premiada com o 21º Troféu HQ Mix na categoria “Grande Mestre”, em 2009, e primeira cartunista a receber espaço no Museu da Imagem e Som em São Paulo, Cica deixou de produzir quadrinhos para se dedicar aos livros infantis. Aos 80 anos, a autora lamenta que o Brasil esteja repetindo os mesmos erros do passado, mas mantém a esperança: “os tempos difíceis estimulam a criatividade, aumentam a capacidade de indignação e, em todas as áreas de criação, as vozes dos artistas costumam se levantar contra a opressão. Que isso também se repita, que essas vozes sejam presentes”.

Renata Arruda, jornalista carioca. É autora do blog prosaespontanea.blogspot.com.br.

ESQUADRINHANDO a história brasileira

Autores de HQs estão atentos à importância do passado para refletir o presente

POR MARCELO MIRANDA

A história com H maiúsculo também pode ser escrita em quadrinhos. Num momento da política brasileira em que são questionados ou relativizados referenciais históricos mal resolvidos, em especial a ditadura civil-militar iniciada em 1964, é ainda mais fundamental perceber que os autores de HQs estão atentos à importância do passado para refletir o presente – não apenas como forma de detectar um ciclo de equívocos, mas também para reconfigurar as formas de olhar sob novos pontos de vista.

É difícil detectar onde o quadrinho brasileiro começou a refletir a história do país, mas é bastante comum que autores apontem a própria origem da linguagem como base de tudo. A primeira HQ brasileira, *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma Viagem à Côte*, de Angelo Agostini e publicada na revista *Vida Fluminense* em janeiro de 1869, seria, para pesquisadores e quadrinhistas ouvidos pela *Plaf*, já uma primeira abordagem histórica brasileira, por ser uma espécie de instantâneo de determinado presente ali retratado pelo autor. “Me parece que o quadrinho brasileiro tem tendência maior a registrar o presente histórico do que o passado, provavelmente devido a nossa tradição de cartuns e charges na imprensa”, diz o pesquisador e tradutor Érico Assis. “Desde Agostini temos, no formato, o registro histórico das opiniões que circulam em cada época na política e nos costumes”.

NOVOS OLHARES Adaptação de Os Sertões revisita o clássico com outro enfoque sobre o momento histórico



Imagens: Reprodução



RESGATE O Quilombo dos Palmares entre fatos e ficcionalização em Angola Janga, de Marcelo D'Saleta.

“DESDE AGOSTINI TEMOS, NO FORMATO, O REGISTRO HISTÓRICO DAS OPINIÕES QUE CIRCULAM EM CADA ÉPOCA NA POLÍTICA E NOS COSTUMES”.

ÉRICO ASSIS

Para Marcelo D'Saleta, autor de obras importantes na proposição de novas formas de pensar o passado brasileiro, o ítalo-brasileiro Angelo Agostini foi pioneiro também na representação do negro, inclusive por sua posição abolicionista – o que não o isentou de contradições e estereótipos impregnados na sociedade da época. “Ele tinha charges com algumas visões sobre a população negra que seriam hoje classificadas, no mínimo, como discriminatórias e racistas”, comenta D'Saleta, que percebe no trabalho de Agostini o princípio de uma preocupação histórica dos artistas de HQs – em sua maioria, ao menos até a metade do século 20, preponderantemente formada por criadores que continuamente davam seu ponto de vista sobre estratos sociais e raciais que não os deles mesmos, ampliando certa homogeneidade de olhar.

Por décadas, para além da crônica do presente, o quadrinho brasileiro pouco se preocupou em retratar a história do país. Se aconteceu, como na série *Grandes*

Figuras em Quadrinhos, da Ebal, eram narrativas de exaltação, nacionalismo e hagiografia (a começar pelo próprio título da coleção). Entre 1957 e 1961, foram 20 edições, trazendo biografias de nomes como Marechal Rondon, Oswaldo Cruz, Castro Alves, D. Pedro II, Tiradentes e Getúlio Vargas, entre vários outros. Chamava atenção a arte, muitas vezes a cargo de Nico Rosso, um dos mais expressivos desenhistas do quadrinho brasileiro e parceiro de Rubens Francisco Luchetti numa sequência de gibis de horror da editora Taika, em 1970.

Para José Aguiar, desenhista de *Ato 5* (lançada em 2009 com roteiro de André Diniz e que retrata a ditadura pós-1968), foi somente a partir de alguns trabalhos de Luís Gê, Laerte e André Toral que teve início um olhar mais crítico sobre episódios reais da historiografia brasileira, fosse no formato de crônica, de narrativas mais longas ou do humor. “Passamos a primeira década deste século nos acostumando a nos redescobrir, a nos detestar, amar e a nos expor.

Nos últimos anos, parecemos ter perdido a vergonha de repensar quem somos”, acredita Aguiar.

Em seu premiado *A Infância do Brasil* (2017), ganhador do HQ Mix e finalista no Jabuti, José Aguiar faz justamente o movimento de tentar compreender determinados aspectos da narrativa histórica brasileira nunca antes olhados com atenção. “Metaforicamente, acho que estamos vivendo o fim da infância do nosso país. Não por ele ter mais de 500 anos, mas por estarmos tropeçando em nossas próprias pernas para tentar andar sozinhos. Sempre estivemos sob a tutela de Portugal e seus credores, ou sob a tutela de militares, e agora que podemos escolher nós mesmos para onde ir, estamos errando muito para tentar seguir andando”, descreve o autor. Em *A Infância do Brasil*, Aguiar, com consultoria da historiadora Cláudia Regina Moreira, ficcionaliza personagens infantis que atravessam a história brasileira desde a colonização no século XVI. Em tramas separadas, ele aborda sexismo, abusos, excesso de trabalho, racismo, discriminação social e consumismo, temas variados que ele aponta como exemplares para se chegar ao atual estado das coisas – e ainda distantes de acabar.

A imaginação tem sido fundamental para o resgate de parte da história brasileira secularmente invisibilizada. Por sua liberdade estética, as HQs não precisam ser necessariamente “documentais” na apresentação de um recorte histórico. Como negar o impacto sem precedentes de *Angola Janga* (2017), uma das representações mais marcantes já feitas do Quilombo de Palmares? Seu autor, Marcelo D'Saleta, se baseou em profundas pesquisas, mas criou essencialmente uma grande narrativa ficcional. “O autor trabalha com registros mínimos dos quilombos e quilombolas e convence o leitor quanto a uma história possível do que se passou nos séculos 17 e 18”, destaca Érico Assis. “Me parece que os trabalhos dele respondem a uma nova configuração dos estudos históricos no Brasil – e até colaboram com eles”.

Desde 2004, D'Saleta pesquisa o Brasil Colonial, com ênfase na escravidão e nas populações periféricas deixadas à margem pelo poder público ao longo dos séculos. “Temos um público leitor interessado em desconstruir as formas de ver a nossa história e a nossa sociedade pelo olhar

“A IMAGINAÇÃO TEM SIDO FUNDAMENTAL PARA O RESGATE DE PARTE DA HISTÓRIA BRASILEIRA SECULARMENTE INVISIBILIZADA.”



ECOS NADA DISTANTES

José Aguiar revisita o passado para entender o presente em *A Infância do Brasil*.



Imagem: Reprodução



Imagem: Reprodução

ACIMA

Certas obras tem importantes momentos históricos como pano de fundo, a exemplo de *La Dansarina*.

À ESQUERDA

O Brasil ainda colônia é tema de *Holandeses*, de André Toral.

dominante, o que é muito diferente do Brasil de 50 anos atrás", compara o autor de *Angola Janga*. Com seu trabalho anterior, *Cumbe* (2014), também ambientado no período escravocrata no Brasil, Marcelo D'Saete venceu o Prêmio Eisner de melhor publicação estrangeira nos EUA em 2018.

O pendur à ficção do real nos quadrinhos se estende a outros aspectos da historiografia brasileira, mesmo que de forma tangencial. Caso de obras como *Bando de Dois* (Danilo Beyruth, 2010), que retrata o período do cangaço no nordeste, ou *La Dansarina* (Lilo Parra e Jefferson Costa, 2015), que aborda o surto de gripe espanhola na São Paulo de 1918. O quadrinho brasileiro, portanto, fala muito melhor da história do país quando se deixa levar pelo misto de conhecimento oficial, reconfiguração de ponto de vista e imaginação.

Nas obras de Marcello Quintanilha (*Sábado dos Meus Amores*, 2009; *Almas Públicas*, 2011; *Tungstênio*, 2014; entre outros), o formato de crônica ou narrativas frenéticas serve também como atualização daquele instantâneo social criado por Angelo Agostini, agora com a sensibilidade dos tempos atuais. "Todas as HQs do Quintanilha, mesmo as que se passam no presente, têm um forte elemento histórico e de representação fidedigna. Seja falando do Rio e Niterói (*Luzes de Niterói*, *Talco de Vidro*, *Fealdade* de Fabiano Gorila), seja falando de Salvador (*Tungstênio*), ele transmite

uma ideia forte de narrativa e ambientação pesquisadas e pensadas. A verossimilhança é muito importante na sua estética", analisa Érico Assis.

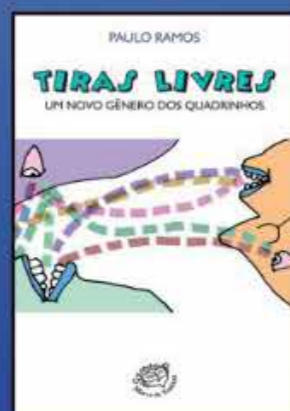
Alguns quadrinhos do país são mais específicos a tratar determinados momentos ou personagens históricos, como *D. João Carioca – A corte portuguesa chega ao Brasil* (1808-1821), de Lília Moritz Schwarcz e Spacca, que narra com irreverência, o recorte adiantado no título, ou *Os Sertões – A luta* (2011), em que Carlos Ferreira e Rodrigo Rosa retratam a Guerra de Canudos sob inspiração do livro de Euclides da Cunha, ou ainda *Adeus, Chamigo Brasileiro – Uma história da guerra do Paraguai* (1999), de André Toral, sobre o sangrento conflito ocorrido entre 1864 e 1870. Nenhum destes – e de vários tantos, como *Beco do Rosário* (2015), no qual Ana Luisa Koehler reconstitui a Porto Alegre dos anos de 1920 sob a perspectiva de uma jovem aspirante a jornalista – trata da história brasileira com algum tipo de condescendência.

O que importa é a subjetividade dos autores e dos personagens, o cuidado na pesquisa e reconstrução do passado e a necessidade de revisar aspectos até então apagados, propiciando ao leitor embarcar em viagens de imaginação e revelação.

Marcelo Miranda é jornalista e crítico de cinema.



Asas à imaginação



www.marcadefantasia.com

VITRALIZADO



7 ANOS



Uma antologia de todxs: a história das HQs LGBTQI+ revisitada

POR ALEXANDRE FIGUEIRÔA

As histórias com temática LGBTQI+ nunca estiveram na linha de frente do mundo das HQs. As *queer comics*, embora circulem já há algum tempo, apareciam quase exclusivamente em jornais da comunidade gay, publicadas por editores gays e só eram vendidas em livrarias gays. Esse isolamento, todavia, criou uma cena artística underground interessantíssima e de certa forma vibrante e criativa, espelhou a própria comunidade, retratando seu comportamento, suas fantasias, seus medos e esperanças.

É exatamente essa cena rica e divertida que a antologia *No Straight Lines: Four Decades of Queer Comics* apresenta. Com curadoria do cartunista Justin Hall e publicada pela Fantagraphics Books, em 2012, o livro reúne alguns dos melhores quadrinhos norte-americanos das últimas quatro décadas e ganhou o prêmio Justin's Lambda Literary Award e foi indicado ao Prêmio Eisner, em 2013.

Para selecionar os quadrinhos integrantes da antologia, Hall adotou alguns critérios, evitando a inclusão de obras que não seguissem a sua ideia central de

documentar a rica produção de queer comics voltada para uma linha mais literária do que erótica. Segundo o próprio Hall, foi uma maneira de representar melhor o sentimento da comunidade queer e poder ampliar o alcance público da obra.

No Straight Lines é apresentado em três partes de modo a contextualizar as HQs no seu momento histórico e cultural. A primeira abrange os anos 1960 e 1970 e intitula-se *Comics Coming Out: Gay Gag Strips, Underground Comix, and Lesbian Literati*, com cartuns das primeiras publicações gays após os eventos do Stonewall e também comix feministas e lésbicas. A segunda parte chama-se *File Under Queer: Comix To Comics, Punk Zines, and Art During the Plague* e inclui obras dos anos 1980 e 1990 com ênfase nas respostas artísticas à epidemia da AIDS.



A terceira seção abrange a produção mais contemporânea, que inclui trabalhos feitos por cartunistas transgêneros, detalhando as mudanças apresentadas pelos quadrinhos queer. Ela se chama *A New Millennium: Transcreators, Webcomics, and Stepping Out of the Ghetto*, pois também mostra a entrada dessas HQs nas plataformas on-line, incrementando a aceitação das histórias queer pelo mainstream.



No straight lines: four decades of queer comics

Justin Hall (org).

[Fantagraphics, 304 páginas, R\$96 (importado)]

Turma da Mônica abraça de vez o mangá

POR PAULO FLORO

Como força hegemônica do quadrinho nacional, Maurício de Sousa segue expandindo fronteiras — tanto estéticas quanto mercadológicas. Depois de uma bem-sucedida investida nos álbuns autorais (as Graphic MSP), da estabelecida Turma da Mônica Jovem (que ultrapassou uma década e ganhou expansões) e novas versões para o exterior, a maior aposta na seara dos quadrinhos é esta nova série *Geração 12*. Ao contrário da TMJ, que incorporava as influências do mangá basicamente em sua estética, esta nova série segue todos os preceitos do quadrinho japonês — tanto na trama quanto no ritmo da narrativa, bem como no formato (a exceção é o modo de leitura, que aqui segue o estilo ocidental, da esquerda para a direita).

As histórias serão divididas em volumes, lançados bimestralmente, e fazem parte do recém-inaugurado selo Mangá MSP. Na história, saem as aventuras baseadas no cotidiano do bairro e na relação já tão conhecida entre as personalidades dos personagens e entra uma abordagem mais próxima da ficção científica e ação. O gibi é uma tentativa da Maurício de Sousa Produções de explorar o mercado japonês, um dos mais concorridos do mundo. Neste novo universo, Mônica e seus amigos têm 12 anos e são alunos do Instituto Astro de Exploração Espacial, onde irão se deparar com alienígenas e equipamentos de alta tecnologia.



Turma da Mônica: Geração 12

Por Petra Leão (roteiro) e Roberta Pares (desenhos)

[Mangá MSP/Planet Manga/Panini Comics, 100 páginas, R\$ 14,90]

Os desenhos mimetizam toda a estética do gênero shonen (Sakura Card Captors, Sailor Moon, entre outros) e funcionam bem. No meio da leitura, a experiência se torna mais próxima do mangá do que de um gibi da Turma da Mônica, ainda que exista certo excesso de referências do universo Maurício de Sousa permeando toda a trama. Interessante a escolha da turma, que rompe com os quatro tradicionais protagonistas ao incluir Milena, uma das primeiras personagens negras de destaque na Mônica. Uma pena que a MSP retomou o péssimo hábito de esconder a autoria das HQs. As artistas foram creditadas apenas no expediente, nas letras minúsculas, e não dentro da obra. Por isso damos destaque aqui em negrito: **Petra Leão** (roteiro) e **Roberta Pares** (desenhos).

AGRIDOCE CoTIDIANO

POR CAROL ALMEIDA

Nas premissas do status social norte-americano, o mundo é dividido em dois blocos de gente: os vencedores e os perdedores. Aos primeiros, as batatas, o cinema, a TV, as capas de revista e, se possível, as de super-heróis também. Aos segundos, bem, todos conhecem a história.

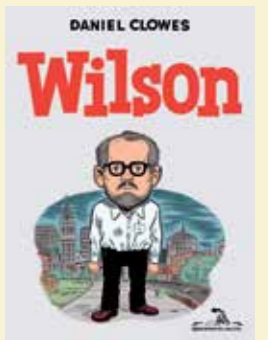
Mas essa vastíssima e majoritária camada da população que ficou de fora do holofote tem, sim, uma ficção para chamar de sua. O grande mestre daqueles que morrem sem seus 15 minutos de fama se chama Daniel Clowes — e há um desses perdedores que talvez mereça uma atenção maior justamente porque foi, na contínua e prolífica carreira de Clowes, mais perdedor em seu sucesso editorial. Fala-se aqui do desagradável e solitário Wilson.

O livro acompanha esse sujeito pouco simpático, de estatura mediana, vida mediana e ambições medianas. O que se sobressai nele é esse irritante senso de (mau) humor que, quanto mais desagrada os demais personagens do livro, mais apaixona quem está externo a ele — nós.

Porque se esse sujeito é completamente desapaixonante, sua insuportável trivialidade é nada menos que sintomática de alguns códigos de identificação que estabelecemos ao longo da leitura. Wilson tem um pouquinho aqui e ali de todos nós. E não é todo artista que sabe catar esses pedaços de cotidiano que a gente sempre deixa cair pela rua. Clowes faz isso com uma elegante e cruel ironia diante do comum.

As grandes tirinhas temáticas de página inteira funcionam como episódios de um seriado que podem ser vistos separados, mas cujo sentido vai se costurando de forma linear. O ir além de Clowes é fazer desse formato uma maneira de jogar uma camada de morango em uma torta de carne. Ele quebra qualquer possibilidade de se levar Wilson a sério (algo que o personagem não gostaria que acontecesse) ao desenhar cada página com traços distintos, ora em seu mais conhecido estilo simétrico e vertical, com régua na mão; ora cartunizado, infantilizando à canastrice, salientando essa distância entre a ideia do personagem e de seu autor.

A ausência de afeto parece dar a Wilson a legitimidade de julgar as pessoas. O homem que passa quase o livro inteiro fingindo inícios de conversas para dar sequência a um sem-fim de monólogos é, na verdade, aquele vizinho que você nunca se interessou em conhecer (ou talvez seja você o vizinho pelo qual seu vizinho nunca esboçou curiosidade). Sujeito que, nas páginas de uma ficção, espelha em reflexo convexo nosso próprio julgamento de tudo e de todos. E não deixa de ser constrangedoramente engraçado ver o Wilson que há dentro de cada um de nós.



Wilson

De Daniel Clowes

[Quadrinhos na Cia/ Companhia das Letras, 80 páginas, R\$ 55] Tradução de Érico Assis

Memória, futebol e afetos

POR PAULO FLORO

Marcello Quintanilha buscou em suas memórias a inspiração para criar sua nova HQ, *Luzes de Niterói*. Estão presentes aqui reminiscências de sua infância em Niterói e lembranças de seu pai, Hélcio Carneiro Quintanilha, que era um promissor jogador de futebol em início de carreira.

A HQ narra uma dia cheio de aventuras na vida de seu pai, que começa quando Hélcio e seu amigo Noel decidiram aproveitar uma pesca ilegal com bombas na Baía de Guanabara para recolher os peixes e vender na feira. Passada em meados dos anos 1950, a trama tem início no momento em que o jogador deixa o clube Manufatura Atlético Clube e vai para o Canto do Rio Football Club, ambos de Niterói. O que parecia simples se transforma em uma sucessão de erros, que levam a um encontro com nudistas na Ilha do Sol (primeira colônia nudista que tinha como participante mais famosa a atriz Luz Del Fuego).

Na volta, os amigos ainda precisam sobreviver a uma tempestade, momento em que ambos têm a amizade posta à prova, contada em uma das mais lindas sequências já criadas por Quintanilha, onde a turbulência das águas parece ser o pano de fundo afetivo da relação

entre os dois. Enquanto isso, em terra firme, os técnicos do clube esperam o atleta para uma importante partida contra o Vasco da Gama.

Quintanilha retorna novamente a dois universos que são centrais em sua obra: o cotidiano dos subúrbios fluminenses (presentes também no brilhante *Talco de Vidro*) e o futebol (tema de *Fealdade de Fabiano Gorila*, seu primeiro gibi). O principal ponto de diferenciação aqui é o modo como ele trabalha fatos reais de algo vivenciado através da memória contada por seus familiares. A reconstrução do período, com detalhes das fábricas, partidas de futebol e todo o microcosmo de Niterói dos anos 1950 é primorosa.

Mas o maior talento de Quintanilha — e que aqui aparece com força sobretudo na dinâmica dos dois personagens principais — é sua capacidade de criar personagens complexos, cheios de nuances. O domínio do tom realista nos diálogos, com falas coloquiais e emotividade que remetem aos folhetins (mas sem soar piegas), ajudam a manter uma conexão muito próxima com aqueles personagens. Quintanilha é um dos melhores contadores de história dos quadrinhos brasileiros e este livro é talvez seu trabalho mais pessoal.



Luzes de Niterói
De Marcello Quintanilha
[Veneta, 232 páginas,
R\$ 69]

Desbravando o Underground

POR
DANDARA PALANKOF

Sob o grande guarda-chuva que é o termo "rock", poucas cenas são tão alternativas — no sentido mais estrito possível do termo — quanto aquelas que abarcam as vertentes mais pesadas do gênero: do punk a todos os "cores" e metais possíveis, elas vicejam em territórios escuros e escondidos, sujos literal e figuradamente, povoados por figuras um tanto quanto singulares, a serem desbravados por poucos. Um sub-mundo. O *underground*.

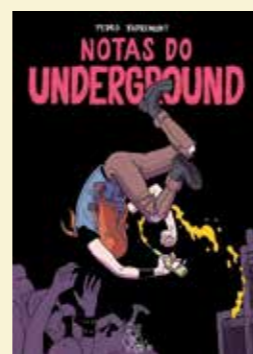
E desbravá-lo é o que faz Pedro D'Aprenont — como observador participante, ainda mais; afinal, segundo Allan Sieber, o quadrinista é um verdadeiro "adorador do cramu-lhão". E a partir de suas experiências, ele traz aos leitores suas *Notas do Underground*. Trata-se de uma coletânea de histórias curtas publicadas anteriormente pela *Vice*, revista virtual norte-americana, entre 2017 e 2018.

Transitando entre casos autobiográficos e outros (assim esperamos) ficcionais, D'Aprenont mostra como mesmo

uma cidade aparentemente asséptica como Brasília pode abrigar em suas entranhas uma grande "podreira".

Seu humor é permeado de (auto) ironia e uma certa escatologia — ainda que certos chistes fossem dispensáveis (mesmo se tratando não só de uma visão como de uma cena predominante e ortodoxamente masculina). Mas não se furta a críticas, por exemplo, às ideologias supremacistas das quais muitos metaleiros extremos e afins se mostram adeptos. Não que os *hipsters* estejam em maiores graças junto a D'Aprenont.

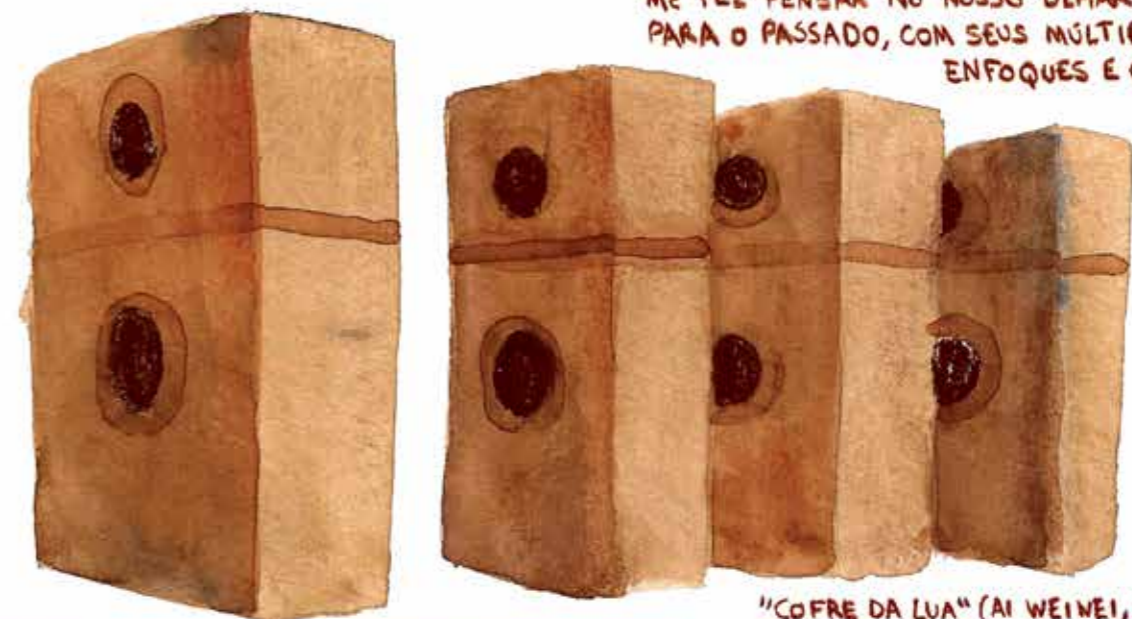
O inusitado retratado nas histórias é um componente de peso na composição desse humor, mas grande parte dele também se deve ao traço limpo e leve do artista; bem como de seu trabalho admirável com as expressões faciais, bastante cartunescas. No fim, fica a impressão de que se aventurar pelo *underground*, de fato, pode ser um tanto quanto divertido — mas nem sempre; muito menos é seguro a todo tempo.



Notas do Underground
Pedro D'Aprenont
[Independente/Pé de Cabra, 48 páginas, 2019]

COFRE DO PASSADO
(ALINE LEMOS)

UMA INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
ME FEZ PENSAR NO NOSSO OLHAR
PARA O PASSADO, COM SEUS MÚLTIPLOS
ENFOQUES E CAMADAS.



"COFRE DA LUA" (AI WEIWEI, 2008)



GRAÚNA (HENFIL, ANOS 70)

ACIONAMOS O PASSADO COM FREQUÊNCIA, CONSCIENTES OU NÃO DA SUA CAPACIDADE DE MOBILIZAR IDENTIDADES DO PRESENTE.

MOÇO, JÁ LHE CONTEI COMO FIZ PRÁ CONQUISTÁ MINHA SENHORA?



"ESTÓRIAS GERAIS" (SRBEK & COLIN, 2001)

É FÁCIL SE APEGAR A UMA RELAÇÃO DE CAUSA E EFEITO ENTRE O ATUAL E O QUE ANTECEDEU.

MAS, SE O PASSADO DETERMINASSE O PRESENTE, HAVERIA SEMPRE APENAS UM RESULTADO POSSÍVEL.



ISTO DAQUI ERA UMA PRATELEIRA, NUMA FAZENDA LÁ EM TAQUARAÇU.

"MIXTAPE" (LU CAFAGGI, 2011)

AO INVÉS DISSO, PENSO NAS POSSIBILIDADES QUE O PASSADO ABRE

E NAS DISPUTAS QUE CONCORRERAM PARA UM RESULTADO SEMPRE INCERTO.

PARA CASA ← → PARA PRAIA



SER ABUZADA ↕ FUMAR

"BULLDOGMA" (WAGNER WILLIAM, 2016)

TAMBÉM HÁ POSSIBILIDADES NO OLHAR DO PRESENTE.

AFINAL, OS EVENTOS SELECIONADOS É A LUZ QUE JOGAMOS SOBRE ELAS VIABILIZAM COMPREENSÕES DIFERENTES DE NOSSAS TRAJETÓRIAS.

RENDEI-VOS, INFIÉIS!

OXI! TÁ DE QUENGO VIRADO?



"O AGUARDADO" (DIANA SALU, 2014)

QUANDO O PASSADO É COLETIVO, SUA MEMÓRIA É AINDA MENOS HOMOGÊNEA. NARRATIVAS SOBRE O PASSADO PROLIFERAM E ENTRAM EM CONFLITO, PRINCIPALMENTE EM CONTEXTOS DE CRISE.

NESSES MOMENTOS, IDENTIDADES SÃO DESESTABILIZADAS E É AINDA MAIOR A NECESSIDADE DE RECORRER AO PASSADO PARA CONFRONTAR OU LEGITIMAR O PRESENTE.

VAMOS EMPALÁ-LO!

NÃO, CAMARADAS!... LAVEMOS-LHE O CÉREBRO!



"MUCHACHA" (LAERTE, 2010)

O CONFLITO NEM SEMPRE É EQUILIBRADO. ALGUNS DISCURSOS TEM MAIS FORÇA PARA SE IMPOR, OUTROS SE COLOCAM COMO OS ÚNICOS POSSÍVEIS. NA ERA DA INFORMAÇÃO, PODEROSOS INSTRUMENTALIZAM A DESINFORMAÇÃO CONTRA SEUS INIMIGOS, UMA ESTRATÉGIA AUTORITÁRIA JÁ CONSOLIDADA PELO FASCISMO.

NO TERCEIRO DIA RESURTIU DOS MORTOS!

AGORA VOCÊS ME PAGAM



"MALAKABEÇA FANIKA E KABELLUDA" (PAGU, 1931)

ATÉ A DISCIPLINA HISTÓRICA ESTÁ SUJEITA A VERSÕES, O QUE NÃO QUER DIZER QUE NÃO HAJA FALSIFICAÇÕES. REVISIONISMOS, COMO OS QUE DIZEM QUE A DITADURA NÃO EXISTIU OU NÃO FOI VIOLENTA NO BRASIL, SÃO DISCURSOS INTERESSADOS EM CONSOLIDAR VERSÕES PARA SEUS PROJETOS DO PRESENTE E SE BENEFICIAM DO ENFRAQUECIMENTO DO DEBATE CRÍTICO.

PESSOAS USANDO TECNOLOGIA DO SÉCULO XXI...



PARA EMITIR OPINIÕES DO SÉCULO XIX.

"MALVADOS" (ANDRÉ DAHMER, 2019)

A HISTÓRIA NÃO É O ÚNICO DISCURSO VÁLIDO SOBRE O PASSADO, MAS É UMA ALIADA DA LIBERDADE DE PENSAMENTO. ISSO PORQUE SUA PRINCIPAL COMPETÊNCIA NÃO É NARRAR EVENTOS DO PASSADO, MAS REFLETIR SOBRE COMO É PRODUZIDA A NOSSA RELAÇÃO COM O TEMPO, COMO LEMBRA A HISTORIADORA JULIANA GELBECKE ("HISTÓRIA PÚBLICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA", 2014).

ENTÃO ELE DIZ QUE TODOS SÃO VIGARISTAS, E FAZ CAMPANHA PARA BOTAR O BECO ABAIXO!



"BECO DO ROSÁRIO" (ANA LUIZA KOEHLER, 2015)

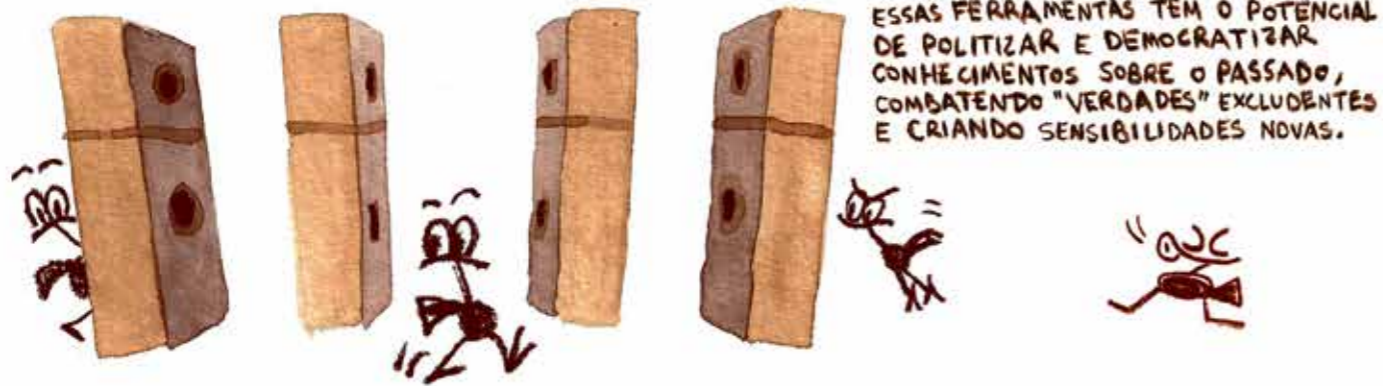
SE EVOCAMOS O PASSADO PARA RESPONDER INQUIETAÇÕES DO PRESENTE, ESSA RELAÇÃO NÃO PODE SER INOCENTE: EXIGE REFLEXÃO. SEM PENSAR O PASSADO, ESTAMOS SUJEITOS ÀS VERDADES ÚNICAS DOS PODEROSOS. DISCURSOS QUE ESTABELECEM OPÇÕES COMO CAMINHOS INEVITÁVEIS E PEDAÇOS DE TODO, DEIXANDO DE FORA QUALQUER RUÍDO QUE ENTRE EM CONTRADIÇÃO.



"ANGOLA JANGA" (MARCELO D'SALETE, 2017)



NAS PÁGINAS DE UMA HQ CABEM TODO TIPO DE RUIDO:
A ANÁLISE DA DISCIPLINA, A EMPATIA DA MEMÓRIA, A IMAGINAÇÃO DA FICÇÃO.



ESSAS FERRAMENTAS TEM O POTENCIAL
DE POLITIZAR E DEMOCRATIZAR
CONHECIMENTOS SOBRE O PASSADO,
COMBATENDO "VERDADES" EXCLUDENTES
E CRIANDO SENSIBILIDADES NOVAS.

OS QUADRINHOS (A ARTE, A BALBÚRDIA) PODEM TORNAR O PASSADO ÚTIL PARA O PRESENTE



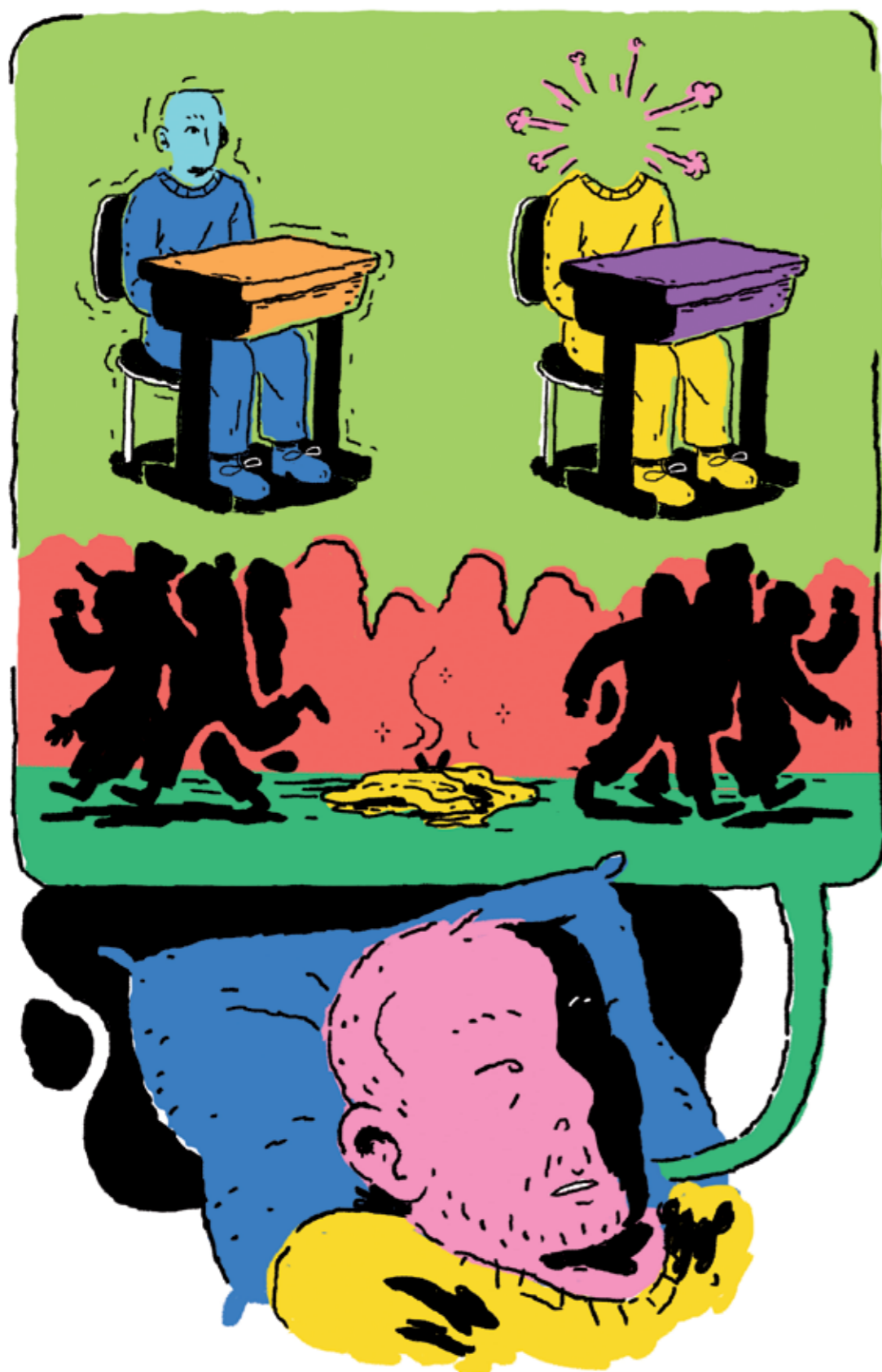
E PROVOCAR O FUTURO.

SÃO CAPAZES DE CAUSAR UM RUIDO

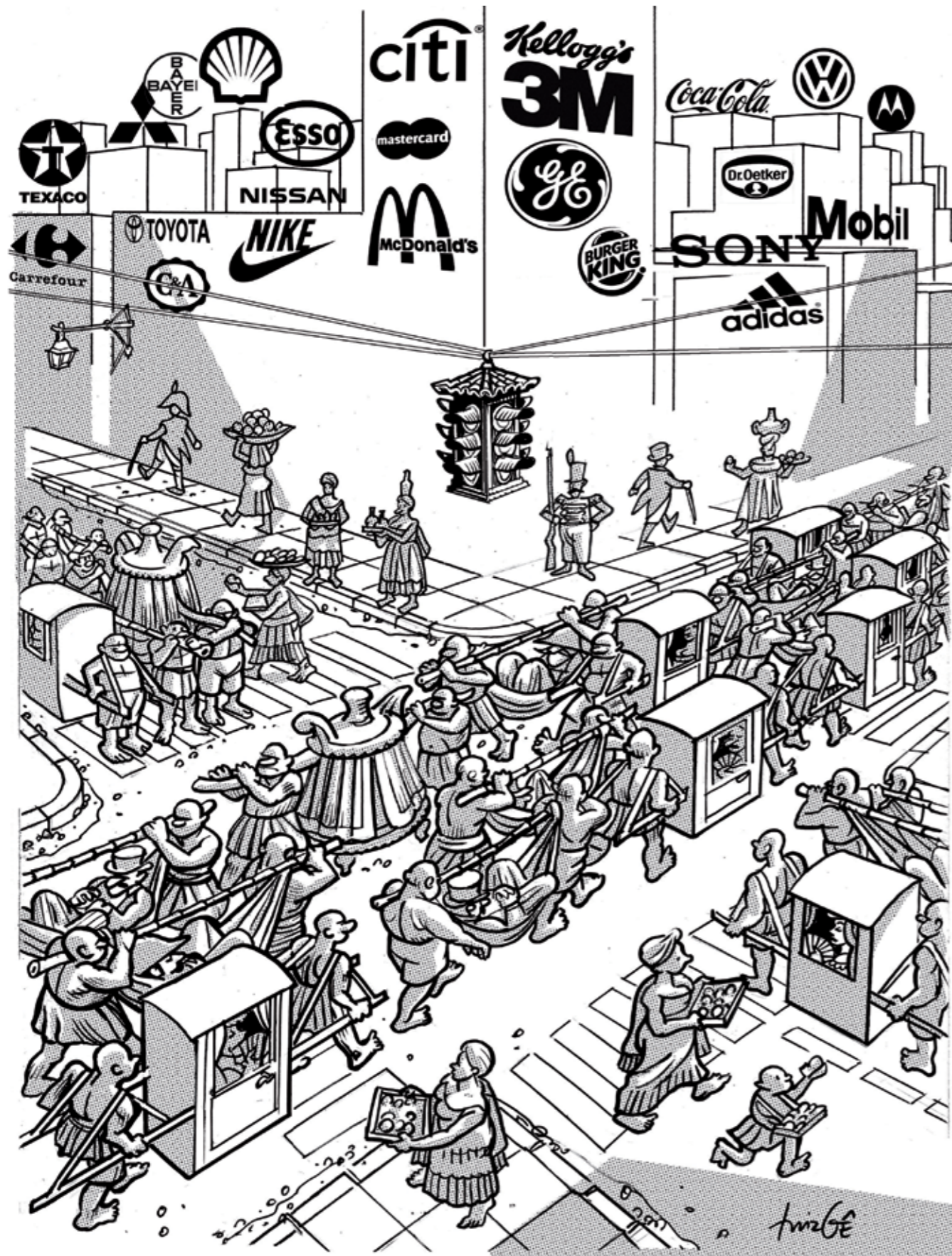
QUE ATRAVESSA O TEMPO.



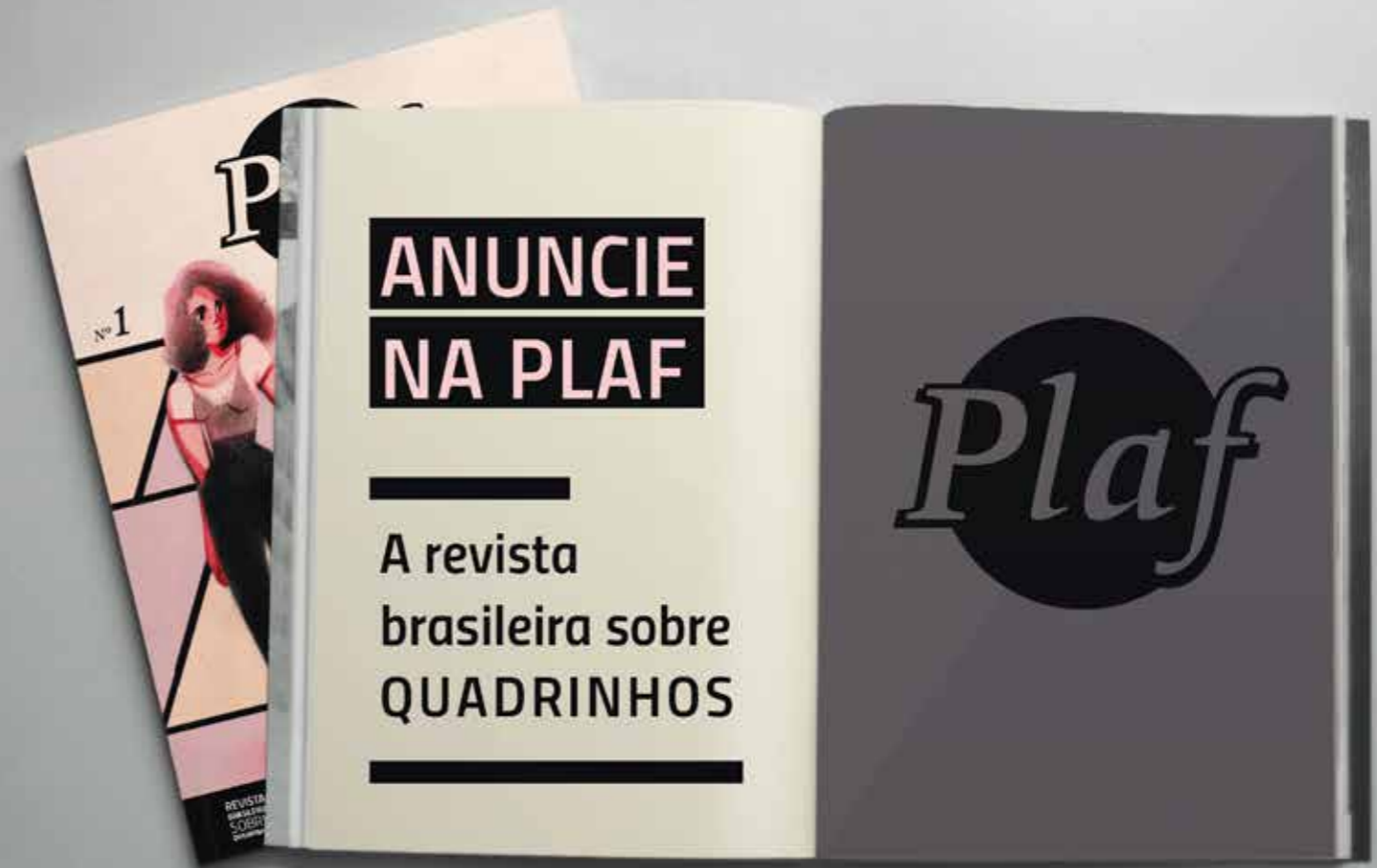
ALINE LEMOS É QUADRINISTA, ILUSTRADORA E CARTUNISTA MINEIRA. MESTRE EM HISTÓRIA PELA UFMG, ELA É AUTORA DE VÁRIOS ZINES, ENTRE ELLES LADO BÉ E MELINDROSA (AMBOS INDEPENDENTES), ALÉM DO LIVRO ARTISTAS DO BRASIL (MIGUILIN). CONHEÇA MAIS DO TRABALHO DELA EM [HTTPS://DESALINEADA.TUMBLR.COM/](https://desalineada.tumblr.com/).



JOTA MENDES É QUADRINISTA E ARTISTA VISUAL PERNAMBUCANO. É AUTOR DA HQ *CARAMELO QUATRO* (INDEPENDENTE).
ACESSE SEU PORTFOLIO EM [INSTAGRAM.COM/@_JOTAMENDES](https://www.instagram.com/@_JOTAMENDES).



LUIZ GÊ É QUADRINISTA PAULISTA. ENTRE SEUS LIVROS PUBLICADOS ESTÃO *AVENIDA PAULISTA* E *AH, COMO ERA BOA A DITADURA* (AMBOS PELA COMPANHIA DAS LETRAS).



O mundo dos quadrinhos é o mundo todo.

SOLICITE NOSSO MÍDIA-KIT E PREÇOS PELO E-MAIL COMERCIAL@REVISTAPLAF.COM.BR.
TEMOS PREÇOS ESPECIAIS PARA EDITORAS E LOJAS ESPECIALIZADAS EM QUADRINHOS.

Out/Nov/Dez 2019 | R\$15

ISSN 2527-0281



9 772527 028102



REALIZAÇÃO:

O Grito!

PATROCÍNIO:

FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO À CULTURA
FUNCULTURA

 **FUNDARPE**
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO

Secretaria de
Cultura



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO. MAIS FUTURO.